

Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: **290**

Mês: Abril
Ano: 2023
Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br



Chão de terra

ROSISKA DARCY DE OLIVEIRA

A direção de Rosiska na *Revista Brasileira*, onde passado, presente e futuro se encontram

Em 2022, teve início a *Revista Brasileira* repaginada, sob a direção da acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira. No Conselho Editorial, estão os acadêmicos Cacá Diegues, Zuenir Ventura e Joaquim Falcão. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Apesar da sua irregular periodicidade, a *Revista Brasileira*, editada pela Academia Brasileira de Letras, é um sucesso sem par. Reúne artigos de acadêmicos de todas as épocas e não pode deixar de ser considerada uma peça cultural de grande relevo. Neste número do JL, há matéria sobre a nossa visita a Portugal, com uma conferência sobre os jesuítas e a educação brasileira. Foi uma peça, felizmente, muito aplaudida. Além disso, diversos artigos de colaboradores enriquecem a publicação. Chamamos, particularmente, a atenção dos nossos leitores para o artigo do especialista Evanildo Bechara, abordando a intrincada questão da linguagem neutra. Vale à pena a leitura.

O editor.



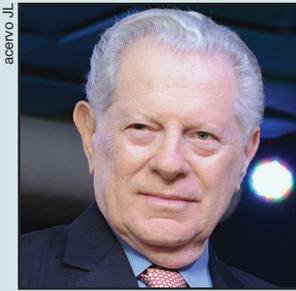
Acadêmico Arnaldo Niskier com Maurício de Sousa na Academia Brasileira de Letras.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



O fim da cultura

Como se fosse uma obrigação, todas as vezes que fui a São Paulo, nos últimos anos, visitei a Livraria Cultura, na Avenida Paulista. Era uma forma de me manter em dia com os lançamentos literários, o que é muito importante para um homem com o meu tipo de atividades profissionais. Agora isso deixará de existir, em virtude do fechamento daquele famoso espaço. É de se lamentar que isso tenha ocorrido, pondo fim ao sonho da família Herz.

É muito triste ver as fotos das estantes esvaziadas no Conjunto Nacional, depois de decretação da falência da loja. Na sentença, o juiz afirmou que o grupo não conseguiu superar a sua crise econômica. Tem uma dívida declarada de 285 milhões de reais, entre aluguéis e prestações de contas, inclusive dívidas trabalhistas. Há diversas editoras com o registro de créditos enormes, como a Record, a Companhia das Letras, a Sextante, a Panini e a Intrínseca. São 76 editoras brasileiras como credoras somente no Rio de Janeiro. A empresa pode (e vai recorrer), mas sabe-se que é um processo demorado.

A administração da livraria apontou diversas causas principais para justificar esse fato profundamente lamentável: altos custos de produção, queda na demanda por livros, falta de interesse por leitura e a nossa profunda crise econômica desde 2014. É claro que estamos vivendo uma nova realidade pedagógica, com outros e revolucionários formatos de transmissão de conhecimento. Isso naturalmente teria que provocar consequências.

No Rio, praticamente ao mesmo tempo, fechou outra livraria tradicional em Ipanema: a Galileu Galilei. Não se tem como comemorar tais fatos, pois abalam o nosso arcabouço cultural. O triste, nisso tudo, é que não existe nenhuma reação por parte dos governos, de qualquer instância. Já existe, é certo, um novo Ministério da Cultura, mas ninguém soube de qualquer reação das novas autoridades a propósito do assunto. Um país com mais de 60 milhões de estudantes não pode sobreviver sem bibliotecas e livrarias compatíveis com o seu tamanho e as suas perspectivas de crescimento. Assistir a isso tudo de forma silenciosa é o que de pior pode acontecer. Está mais do que na hora de protestar contra esse tipo de descaso com o nosso futuro.

“Na vida não é virtude sofrer, mas saber sofrer.”

Artur Azevedo

“Quem sofre com serenidade sofre pela metade; quem muito se desespera multiplica a dor.”

Austregésilo de Ataíde

Acadêmico Arnaldo Niskier é homenageado em Portugal

Por Maria Cabral

O Acadêmico Arnaldo Niskier recebeu uma bela homenagem na Academia das Ciências de Lisboa, onde proferiu a palestra A Educação no Brasil – da Companhia de Jesus aos dias de hoje, onde foi muito aplaudido. Seleccionamos uma parte do texto:

“Os primeiros colégios e ‘aulas de ensinar a ler e contar’, criados pelos jesuítas em várias localidades do Brasil, a começar pela cidade do Salvador, eram mantidos com sacrifício, mediante esmolas e donativos especiais, e mão de obra nas construções, o que incluía o esforço físico dos próprios religiosos, ajudados por índios e alguns colonos mais prestativos. Somente em 1564, conseguiram auxílio oficial para manter os colégios.

Hoje, analisando os fatos com a visão de nossos tempos, falta em que incorrem muitos historiadores, procuram alguns ‘esclarecidos’ demoler aquilo que as circunstâncias não permitiram fosse feito com a técnica e os recursos atuais. Um autor, Alfredo Nascimento Silva, por exemplo, sem ter vivido na época, não perdoou:

‘Durante o longo período do regime colonial em que viveu o nosso país, rudimentaríssimo era o ensino primário, limitado ao mínimo em atrasadíssimas escolas mantidas pelos padres jesuítas, aqui instalados desde 1549, em missão de catequese dos silvícolas.’

De fato, naquele período, aquilo que em geral e principalmente a todos preocupava mais era a ambição de enriquecer. E, por isso, não havia oportunidade para cuidar-se da instrução. Na verdade, a resistência oposta pelos colonos a qualquer coisa que estivesse fora de seus planos de rápido enriquecimento dificultava sobremaneira a ação dos jesuítas. Não se queria pensar em outra coisa, além de explorar ao máximo todas as fontes possíveis de lucro. Gastar dinheiro com ensino equivalia a jogá-lo fora.

Poucos capítulos da História do Brasil, em sua fase colonial, possuem tão rica e autêntica documentação como a que se relaciona com a ação da Companhia de Jesus no Brasil.

E custa a crer que o tão reduzido contingente de seis jesuítas, vindos com Tomé de Sousa, tivesse conseguido, em poucos anos, levar a termo a mensagem cristã a diversas localidades espalhadas pelo vasto litoral brasileiro. Depois de improvisarem uma pequena igreja destinada ao culto na cidade do Salvador, deram início, com a permissão do governador, à tarefa principal de que vinham incumbidos – a catequese.

Pode-se pensar, num rápido exame, que esse processo de expansão e desenvolvimento das primeiras igrejas e colégios se fazia com facilidade e amplos recursos. Puro engano. Os jesuítas foram obrigados a enfrentar a hostilidade de grande parte dos colonos, de muitas autoridades, dos índios sempre desconfiados e até mesmo do primeiro bispo do Brasil, Pero Fernandes Sardinha.

O certo, no entanto, é que, como a política colonial portuguesa fosse a de ver o Brasil apenas como celeiro, não havia por que nele investir a longo prazo. E não fosse a atuação dos jesuítas, levando a fé, mas também dilatando o império, as primeiras instituições educacionais só apareceriam na época da Independência.

Depois de três séculos de posse do Brasil pelos portugueses, não se havia consolidado um sistema de educação que se pudesse aceitar como razoável ou até mesmo como paliativo para as necessidades do país no campo da instrução pública primária e secundária. Tudo que se fizera, até então, a esse respeito, atendia apenas a setores isolados – cidades e vilas espalhadas ao longo de nosso extenso território em sua faixa litorânea e, excepcionalmente, em localidades do interior das capitâneas de Minas Gerais, São Paulo e Bahia. Quem não reclamasse, através das câmaras municipais, nada obtinha. As aulas de primeiras letras, de fraca estrutura e de medíocres resultados, estavam a cargo de mestres improvisados, sem programas racionalmente estabelecidos, com escassa fiscalização



Acadêmico Arnaldo Niskier e Ruth Niskier.



O acadêmico António Valdemar recebe os confrades brasileiros Arnaldo Niskier e José Carlos Gentili.



Foi um sucesso a conferência do acadêmico Arnaldo Niskier, na Academia das Ciências de Lisboa. Na mesa, estavam, além de Niskier, os acadêmicos António Valdemar e Maria da Glória Garcia, que presidiu a sessão.

quanto à qualidade do ensino ministrado e do aproveitamento dos alunos. Choviam as petições, em Lisboa, oriundas do Brasil, reclamando a criação de novas aulas régias, nem sempre atendidas, pois os recursos não bastavam, em muitas capitâneas, para atender sequer ao pagamento dos professores.

Dependia-se da boa vontade de particulares para conseguir salas de aula, pois nem sempre as casas dos mestres – em geral utilizadas – ofereciam condições de abrigar o número de alunos que desejavam conseguir matrícula. Os professores, além de mal pagos, eram desconsiderados no seio da sociedade.

A Educação de que o Brasil precisa, certamente, é prioridade nacional, que requer a mobilização de todos que vislumbram um país melhor. Devemos enfatizar o descontentamento com o quadro atual, de uma situação histórica, nitidamente precária. São necessários recursos apreciáveis para que se viva os tempos de uma nova escola.

A produtividade do trabalho muito baixa no Brasil é também uma consequência da falta de políticas que procurem melhorar o desempenho da mão de obra no país. Isso se faz com o aperfeiçoamento da qualidade de ensino e de treinamento. O mau desempenho dos estudantes brasileiros nas avaliações internacionais e os movimentos generalizados de greves de professores mostram a situação crítica do ensino no Brasil.

O resultado da forma com que o governo brasileiro vem tratando seus professores, alunos e funcionários vêm em forma de números. Dentre os 76 países avaliados recentemente pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil ficou em 60º, à frente dos países sul-americanos: Argentina (em 62º), Colômbia (em 67º), e Peru (em 71º), que fazem parte das quinze últimas posições. No topo da tabela, sem nenhuma surpresa, estão os países asiáticos: em primeiro lugar Cingapura, seguido de Hong Kong e Coreia do Sul.

Estratégias, táticas e ações, que configurem o planejamento a médio e longo prazos, requerem mudanças que ainda estão longe de acontecer. Quando citamos desenvolvimento de competências, gestão integrada ou gestão corporativa, para o devido compartilhamento de tarefas, na discutida relação ensino-aprendizagem, parece que atraímos expressões de outro planeta. É natural que o resultado desse atraso secular seja a reduzida satisfação de alunos e professores, comprometendo a necessária fidelização deles às escolas em que atuam. Vestir a camisa passou a ser expressão somente do futebol, mas deve valer também para o mundo da educação, com vistas aos seus resultados. A má qualidade da educação pública opera a favor da condenável desigualdade social.

A educação é o meio pelo qual a sociedade transmite seus princípios e valores. É cuidando da educação que reforçaremos o conhecimento do mundo, tornando-nos capazes de melhorá-lo.”

● DE 29 DE ABRIL a 7 de maio, o Flipoços 2023 terá como tema Literatura e fotografia, as histórias que as imagens não contam.

● A FEIRA DO LIVRO de Frankfurt – que esse ano comemora sua 75ª edição de 18 a 22 de outubro –, está com as inscrições abertas para seu programa de tradutores até o dia 30 de abril.

● A MORTE É UM NEGÓCIO SOLITÁRIO (Ed. Biblioteca Azul), romance policial de Ray Bradbury (autor do clássico *Fahrenheit 451*) mostra a literatura como encontro permanente de indivíduos distantes.

● A EDITORA FIOCRUZ, comprometida com a visibilidade das questões dos povos originários, passou a oferecer acesso aberto aos livros em formato e-book sobre saúde indígena do seu catálogo on-line.

● VENCEDOR DO Prêmio Cálamo, um dos prêmios literários mais importantes da Espanha, *A Tirania das Moscas* (Instante), livro da autora cubana Vilar Madruga, constrói uma fábula para falar dos horrores do autoritarismo.

● O RENOMADO bibliotecário Richard Ovenden conta como bibliotecas e arquivos têm sido atacados, desde o início da humanidade, em *Queimando Livros*. Lançado pela Editora Globo, com tradução de Santiago Nazarian.

● AO ANALISAR OS desafios ambientais em *No Horizonte do Bom Senso* (Edições Sesc), o economista Ladislau Dowbor reflete sobre a enorme crise ambiental que assola o planeta e que atinge, de maneira particular, o Brasil.

● SEGUINDO A tomada de reedições no mundo literário, os livros do herói James Bond serão editados pela Ian Fleming Publications para remover conteúdos preconceituosos.

● A ERA DA INCERTEZA (Ed. Crítica), do físico alemão Tobias Hürter, reconstrói

a época de ouro da Física, por meio de nomes revolucionários que redefiniram o mundo, como Albert Einstein e Marie Curie.

● A COMPLEXIDADE do fim da adolescência e a entrada no ambivalente mundo adulto é o tema de *Meus Dias com os Kopp*, da espanhola Xita Rupert (Editora DBA).

● DA ERÓTICA, antologia clássica de *Bocage*, lançada pela Boitempo com organização de José Paulo Neto, mostra o poeta português como libertino, mas também com programa político inspirado pelos ideais do iluminismo.

● EM *Um Pé na Cozinha* (Ed. Fósforo), com a história do trabalho de mulheres negras na cozinha, Taís de Sant’Anna Machado investiga os processos de profissionalização na cozinha doméstica do pós-Abolição à gastronomia doméstica contemporânea.

● NO INÉDITO *O Segredo da Alegria* (Ed. Record), Alice Walker (Ganhadora do Prêmio Pulitzer e do American Book Awards por *A cor púrpura*) mergulha na história de Tashi, heroína africana que passa pela mutilação genital como modo de honrar as tradições de seu povo.

● *EVO – VINDO DA COSTELA DE UMA MULHER* (Ed. 7Letras), de Isabel Paiva e Rafael Blasi, conta a história de Eva, uma mulher quase santa que se faz de “diabo”.

● *Flordelis – A pastora do diabo* (Ed. Matrix) é o novo título do jornalista Ulisses Campbell, autor de obras sobre Suzane Richthofen e Elize Matsunaga.

● LANÇADA PELA Rocco, a coletânea *Alvos em Movimento*, da canadense Margaret Atwood, reúne 51 textos de não ficção, entre ensaios, manifestos, resenhas de grandes clássicos e relatos pessoais.

● *NADJA, PEDRA DE TOQUE DO MOVIMENTO SURREALISTA* de André Breton, traz a última

OBSERVAÇÃO PERVERTIDA DE BALEIAS



versão traduzida por Ivo Barroso para a Editora 100/Cabeças.

● O *JARDIM DAS HESPÉRIDES* (Companhia ad Letras), da historiadora Laura de Mello e Souza, articula quatro dimensões do imaginário do século XVIII, em Minas Gerais.

● *LITERATURA DE AUTORIA NEGRA* (Intersaberes), mais recente estudo da professora Silvia Barros, é o desenvolvimento de um projeto educacional que valoriza a cultura africana e afro-brasileira em nível nacional.

● NO RECÉM-LANÇADO *Textos de Intervenção Política* (Editora Unesp) estão incluídos, entre outros, as cartas trocadas entre Rousseau e o conde de Buttafoco, aristocrata e militar adversário político do jovem Napoleão.

● O CUIDADO próprio é o foco de *Dizer a Verdade sobre Si* (Ed. Ubu), obra tardia de Michel Foucault, organizada a partir de conferências de 1982 em Toronto, no Canadá.

● EM 12 ENSAIOS e conferências, incluindo o seu celebrado discurso do Prêmio Nobel, a escritora polonesa Olga Tokarczuk convida o leitor, na obra *Escrever é Muito Perigoso* (Todavia), a testemunhar o seu processo artístico.

● DESTACANDO a centralida-

de matriarcal, *VELHOS HÁBITOS* (7Letras), de Luciano Gatti, explora os ambientes familiares em busca de refletir sobre memória, espaço doméstico e suas configurações.

● A *IDEOLOGIA PAULISTA E OS ETERNOS MODERNISTAS* (Editora Unesp), do pesquisador Francisco Hardman, propõe que, ao fixar o modernismo paulista como sendo o modernismo brasileiro, a crítica e a história literárias excluam tudo aquilo que não cabia nesse modelo.

● ESTÃO ABERTAS até o dia 16 de abril as inscrições para a Capital Mundial do Livro 2025. As candidaturas devem ser enviadas para a secretaria da Unesco, em inglês ou francês. Nos últimos anos, as cidades escolhidas foram Kuala Lumpur (2020), Tblissi (2021), Guadalajara (2022), Accra (2023) e Estrasburgo (2024).

● PRIMEIRO VENCEDOR do Novel Prize, *Frio o Bastante para Nevar* (Fósforo), romance de Jessica Au, versa sobre relações familiares complexas entre mãe e filha enquanto também reflete sobre o papel da arte na expressão do que não pode ser traduzido em palavras.

● A FEIRA Internacional do Livro de Buenos Aires começa na capital portenha no dia 27 de abril, com programação intensa até o dia 15 de maio.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Mau agouro

“Após a vitória da seleção brasileira em um jogo amistoso, um jovem comentou com os amigos: se o Brasil manter esse ritmo conquistaremos a taça.”

Nada disso! Desse jeito não dará certo. O verbo manter está conjugado erradamente. O tempo certo é o **futuro do subjuntivo**: *mantiver / mantiveres / mantiver / mantivermos / mantiverdes / mantiverem*.

Período correto: “Após a vitória da seleção brasileira em um jogo amistoso, um jovem comentou com os amigos: se o Brasil **mantiver** esse ritmo conquistaremos a taça.”

Falando difícil!

“O técnico exprobou os jogadores do time que chegaram atrasados para o treino.”

Não adiantou! Os jogadores não o entenderam e a forma verbal “exprobou” não é correta. O verbo é *exprobrar* e significa censurar, logo exprobrou.

Período correto: “O técnico **exprobrou** os jogadores do time que chegaram atrasados para o treino.”

Jogo desastrado

“Isac assistiu o jogo do Vasco ao lado do amigo, mas o time perdeu.”
Que lástima! Falharam a zaga do time e a regência verbal.

O verbo **assistir, no sentido de ver, presenciar**: exige a preposição “a”. Ex.: “Não assistimos **ao** show.” Frase correta: “Isac assistiu **ao** jogo do Vasco ao lado do amigo, mas o time perdeu.”

Regência verbal

Alguns verbos possuem mais de uma regência, como, por exemplo, o verbo *custar*:

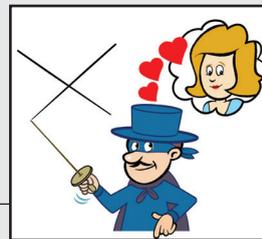
a – no sentido de ser custoso, ser difícil: é regido pela preposição **a**.
Ex.: “**Custou ao** mecânico para entender o problema do carro.”

b – no sentido de acarretar, exigir, obter por meio de: usa-se **sem** preposição. Ex.: “O apartamento **custou-me** todas as economias.”

c – no sentido de ter valor de, ter o preço: usa-se **sem** preposição.
Ex.: “Mansões **custam** caro.”

Existência

“Ela só precisa existir para me completar.”
Acho que ela nunca existirá. **Existir**, se escreve com **x**, embora tenha som de **z**, ao ser pronunciado. Frase correta: “Ela só precisa **existir** para me completar.”



Nota baixa

“Lívia e Manuela estudaram bastantes para a prova.”

Não podem ter passado! A palavra existe, mas está mal empregada. Veja: **Bastantes** – é adjetivo, concorda com o substantivo a que se refere, ou seja, sofre variação. Embora seja correto, é pouco usado e pode ser substituído por (**muitos** ou **muitas**). Ex.: “Elas chuparam bastantes jabuticabas” (**muitas**), “Já estudaram para bastantes concursos” (**muitos**).

Bastante – é advérbio de intensidade e invariável. Ex.: Ela ficou bastante feliz ao ver o irmão. (muito).

Frase correta: “Lívia e Manuela estudaram **bastante** para a prova.”

Campeonato inválido

“O time de futebol de Gabriel foi bi-campeão das olimpíadas escolares deste ano.”

Esse título não tem valor algum. Os prefixos numéricos **bi, tri, tetra, penta, hexa, hepta** etc. nunca foram hifenizados. Frase correta: “O time de futebol de Gabriel foi bicampeão das olimpíadas escolares deste ano.”



Movimentação interestadual

“À época do Campeonato Brasileiro, os jogadores viajarão dentre os vários estados que realizarão os jogos.”

Ficará difícil! Observe:

dentre (de+entre), preposição, significa **do meio de**;

entre, também preposição, significa relação de lugar ou de estado no espaço que separa duas pessoas, lugares ou coisas.

Período correto: “À época do Campeonato Brasileiro, os jogadores viajarão **entre** os vários estados que realizarão os jogos.”

Fora o gerundismo!

“Estaremos realizando um grande evento da Copa do Mundo muito em breve.”

O uso do verbo *estar*, seguido de verbo no gerúndio, é uma tendência que tomou conta da linguagem do nosso dia a dia. Um modismo infeliz! Precisa-se acabar com essa mania. Use a nossa língua corretamente. Período recomendado: “**Realizaremos** um grande evento muito em breve.”

Gavetas da alma

Por Gabriel Chalita*

Guardo nas gavetas da alma sentimentos tantos que, por vezes, deixo de lado o tempo de fora para viver o de dentro. Desde criança, fui acumulando. Nem sabia o que ficava, quando, o que não ficava, partia.

Guardo sorrisos de dias simples que explicaram o nascer e o morrer. Nascem as manhãs e, com elas, os perfumes de esperança de viver sem medo.

O medo da morte deixo em uma gaveta que, também, guarda a consciência da transitoriedade de tudo. O rio prossegue. O que rio, também. Sou dos que abraçam o riso como expressão de disposição para não atender os desânimos que nascem dos tantos poluidores da alegria.

Alegria, na minha alma, mora em mais de uma gaveta. A alegria dispersa os pensamentos desnecessários, as inconclusas incursões quanto ao que foi o ontem. Embora com os meus guardados todos, sou do desaparego. Não se prende o que já se foi. Não é possível, nem é bom. O rio segue o curso. O curso da vida é ensinador da plenitude dos instantes. Morrem os dias, morrem as idades, morrem as paisagens tantas vezes ocupadas com amor e dor.

Nos compartimentos da alegria, mora, também, a esperança. Nascem os amanhã, manhãs que aguardarão ações corretas. Nascem os jardins plantados em dias que já morreram. Nascem embelezando a história de histórias ainda grávidas, querendo nascer.

Os dissabores ocupam espaço em gavetas inferiores. É difícil pedir que partam, eles que chegaram depois de partes partidas de mim mesmo. De feridas, se fizeram cicatrizes. Permito que permaneçam. É bom que

estejam alimentando de memórias os dias de dor. Já não temo a dor nem o sofrimento. Aprendi a guardar com eles canções de silêncio e canções de amor. Canto o amor como um desbravador dos campos da existência. Não desisto dos encontros, mesmo desencontrando, tantas vezes, a verdade.

Há cartas não entregues guardadas em mim e há outras tantas que recebi. Pinteí de ilusões alguns dias e chorei, sem economias, a ausência. Há os que amei e não me amaram e há os que descobri depois que apenas armazenaram o que sentiram por mim. Por medo viveram a distância. Desperdiços? Quem sabe?!

Há os que fingiram sentimentos. E há os que eu fingi acreditar. Era jovem ainda para o uso correto do “não” e do “sim”. Moram os dois nas gavetas da alma. E, se estou atento, convivem bem. Saem apenas quando autorizados. Se estou atento.

A atenção com o outro, tão ensinador de vidas, fui ganhando aos poucos. Fui lutando contra o que bagunça qualquer gaveta, o egoísmo, e cedendo espaços para outras histórias contemplarem comigo a vida linda que não se cansa de nascer.

Se não tenho o poder das demissões dos sentimentos que me diminuem, tenho o poder de aumentar o som dos sentimentos que me elevam. O som que sopra, nos meus ouvidos, entusiasmos. Não nasci para viver caído. Nem para me alimentar de baixezas. Nasci para o voo. E, nas gavetas da alma, moram as asas que preciso para voar voos inteiros em dias inteiros de amor.

O amor é o mais belo guardado que mora em mim. E mora desde sempre. Ou nem morada eu teria. Ou nem eu existiria. A minha alma se alimenta e se lava de amor. Se fortalece e se perfuma de amor. A minha alma se faz poeta no amor que sopra para dar vida a novos sonhos, a novos encontros, a novas formas de formar felicidades.

Só há um jeito de amar? Não. Há mais de uma gaveta em minha alma.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

**ROSANA LANZELOTTE**

Bicentenário da Independência

Arnaldo Niskier: Hoje, com uma alegria muito grande, recebemos a visita da pesquisadora e musicista Rosana Lanzelotte, a maior cravista brasileira, muito conhecida no Brasil e no exterior. Como você tem participado das comemorações do Bicentenário da Independência?

Rosana Lanzelotte: Esses 200 anos têm um significado especial para os músicos, porque D. Pedro I, entre as facetas menos conhecidas, era músico, era compositor. Deixou inúmeras obras, uma delas acho que quase todos os brasileiros conhecem, o Hino da Independência, que cantamos com muita alegria, porque é um hino muito inspirado. Fico muito feliz de ter participado de diversos espetáculos em homenagem a D. Pedro I e de ter preparado esses 200 anos, desde o ano passado, com o resgate de todas as partituras conhecidas de D. Pedro, que estão gratuitamente disponíveis por meio do Musica Brasilis. Várias se perderam. Quando digo todas as conhecidas, foram as que nos chegaram até hoje nos arquivos intactas, principalmente aqueles manuscritos com a caligrafia reconhecida dele, de obras litúrgicas, que estão no arquivo do Cabido Metropolitano, da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro. Temos um manuscrito precioso do Hino da Independência, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Arnaldo Niskier: Ele escreveu isso aqui no Rio ou lá em Petrópolis?

Rosana Lanzelotte: Ele escreveu aqui no Rio. Essas obras, que estão aqui no arquivo da Catedral e o Hino, ele escreveu antes de partir para Portugal, portanto aqui no Rio iniciou sua carreira de compositor. Mas sabemos que ele deixou, além dessas obras que se perderam, porque no catálogo do seu professor... Ele teve dois eminentes professores, na fase adulta da sua vida, que foram o grande compositor português Marcos Portugal e o Sigismund Neukomm, que foi o austríaco que veio junto com a missão artística francesa. Por meio do catálogo de obras dele, sabemos que D. Pedro teria composto valsas, em 1816...

Arnaldo Niskier: Além do Hino da Independência.

Rosana Lanzelotte: Além dos hinos, além das obras sacras, litúrgicas, além de uma abertura, da qual posso falar também, escreveu valsas que se perderam, porque Neukomm escreveu em seu catálogo "fantasia orquestral sobre uma valsa de autoria de Sua Alteza Real, o príncipe D. Pedro". Ele já sabia, em novembro de 1816, que seria esposo de D. Leopoldina, ela já tinha sido, digamos, identificada como sua noiva escolhida entre as Habsburgo. Então, quem sabe fico fantasiando que ele teria escri-

to essa valsa pensando na noiva que ia chegar. Aproveite esses 200 anos para trazer à luz esse D. Pedro que poucos conhecem, que é um belo compositor que usou seu talento a serviço do Brasil. Em vários momentos, ele usa a sua arte para dignificar o Brasil por meio dos hinos, através da missa em homenagem ao Papa Leão XII, que foi escolhido Papa, em 1823.

Arnaldo Niskier: Quando ele foi para Portugal, para assumir também uma função importante no comando do país, ele continuou a compor, como o fez aqui no Brasil?

Rosana Lanzelotte: Compôs pouco, quando ele saiu do Brasil. A única obra que me chega até hoje é o Hino a Amélia, estava exatamente a caminho de Portugal em 1832 para destronar...

Arnaldo Niskier: As longas viagens transoceânicas.

Rosana Lanzelotte: Não, ele já tinha ido para Paris, inclusive uma história muito interessante da passagem dele por Paris que tem a ver com a música. Mas entre Paris e Lisboa ele passa pelos Açores e vai reconquistar o trono português para sua filha, Maria da Glória, nascida Maria da Glória, no Rio de Janeiro, consagrada na Igreja do Outeiro da Glória, por isso Maria da Glória, que se tornou a grande rainha Maria II de Portugal. A única rainha europeia que nasceu nas Américas e que também era musicista, compunha como ele. Poucas obras se conhecem dela, mas compunha razoavelmente. Tive a felicidade de tocar uma peça dela quando se comemorou 200 anos. Era filha da D. Leopoldina com D. Pedro, a filha primogênita, nasceu no Rio de Janeiro, em 1819. Então, temos também que admirar o D. Pedro que lutou pelos tronos e deixou a filha primogênita no trono de Portugal, foi uma grande rainha, era chamada de A Educadora, porque a ela se deve o estabelecimento do ensino gratuito para crianças, público. E deixou D. Pedro II no Brasil, que também admiro muito como imperador.

Arnaldo Niskier: D. Pedro II foi uma figura extraordinária, 49 anos de comando do governo brasileiro, quase 50 anos, meio século, uma coisa extraordinária. Você também é descendente de nobres portugueses?

Rosana Lanzelotte: É muito oportuna essa pergunta, nesses 200 anos da Independência, porque o governador da Bahia, que recebeu D. João, em 1808, foi o Conde da Ponte, que era um Saldanha da Gama de quem descendo diretamente.

Arnaldo Niskier: Conheci o almirante Saldanha da Gama.

Rosana Lanzelotte: Que é da família

também de um outro ramo, um primo distante. Aquele Conde da Ponte foi quem assinou o decreto da abertura dos portos. E o filho dele, Luiz de Saldanha da Gama, que estava atrás de D. Pedro, naquela famosa ilustração do Grito do Ipiranga. O segundo personagem na tela é o Luiz de Saldanha da Gama, que é o filho do Conde da Ponte. Também tem uma herança musical, porque na família da minha mãe há vários músicos amadores, um compositor do século XIX, Saldanha da Gama, deixou valsas que estão na Biblioteca Nacional e meu pai também é músico amador.

Arnaldo Niskier: O cravo entrou nas comemorações do Bicentenário da Independência. Como foi isso, Rosana?

Rosana Lanzelotte: Teve uma grande oportunidade para o projeto Musica Brasilis de resgatar todas as partituras conhecidas de D. Pedro I. E assim começamos, neste ano, um projeto gigantesco, serão 5 mil novas partituras, o projeto Acervo Digital de partituras brasileiras com o apoio do Instituto Cultural Vale e do BNDES. D. Pedro é quem abre essa coleção de 5 mil partituras, como compositor, pudemos editar, resgatar e tornar acessível pela web gratuitamente todas essas partituras, que estão sendo tocadas e gravadas, para nossa alegria, por orquestras de todo Brasil e mesmo fora do Brasil. A Filarmônica de Minas Gerais gravou um álbum todo dedicado a D. Pedro I com as partituras do Musica Brasilis e levou esse espetáculo a Lisboa, num concerto comemorativo dos 200 anos. Há outros grandes compositores que estamos também valorizando nessa iniciativa, todas as aberturas orquestrais de Carlos Gomes, várias obras de Henrique Alves de Mesquita, um compositor muito valoroso, do século XIX, que é praticamente desconhecido, porque, como é mestiço, as obras dele foram pouco editadas. Então, Musica Brasilis faz essa ponte entre as partituras manuscritas dos arquivos e os músicos.

Arnaldo Niskier: Qual é a origem do Musica Brasilis? De onde vem o Musica Brasilis?

Rosana Lanzelotte: MusicaBrasilis vem da minha tentativa de juntar minhas competências musicais e tecnológicas num portal a serviço da música brasileira. Quase 80% dos nossos repertórios estão ainda em formato manuscrito e os músicos, quando vão fazer o concerto, não vão num arquivo buscar um manuscrito para incluir no seu programa de concerto.

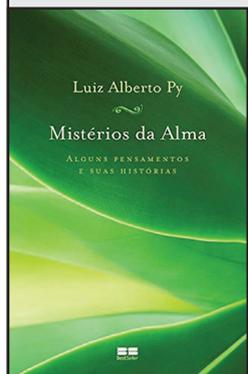
Arnaldo Niskier: E o manuscrito pode ser perdido.

Rosana Lanzelotte: Além disso, são frágeis. Então, a única forma do público conhecer as obras é os músicos terem acesso a uma versão, uma edição moderna, que é o que Musica Brasilis faz. E mais, apostamos diretamente na difusão via web, porque cada vez mais músicos estão tocando com seu tablet, com seu equipamento eletrônico. Com isso, temos oportunidade de difundir para todo mundo, temos mais de 45 mil acessos mensais de músicos de todo o mundo. Chegam consultas de todas as partes do mundo, pedindo repertórios que ainda não temos. Fico muito feliz de cumprir essa missão e preencher essa lacuna tão grave da música brasileira, que é a dificuldade de acesso às partituras.

J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



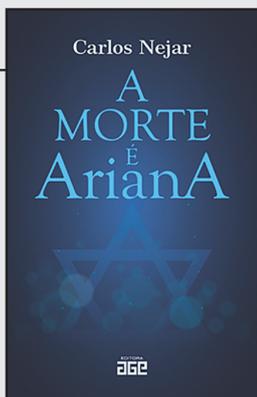
MISTÉRIOS DA ALMA

Em *Mistérios da Alma – Alguns pensamentos e suas histórias* (Ed. Best Seller), o psicanalista Luiz Alberto Py oferece aos leitores uma série de reflexões nascidas a partir de frases pinçadas de livros, citações ou sabedoria popular. Em comum, as sentenças percorrem inquietações de todos nós. Dos pensamentos selecionados, com clareza de linguagem, o autor promove, conciso e precisamente, uma reflexão que revisita verdades universais – “os eternos mistérios que a alma humana carrega desde tempos imemoriais”. No prefácio, a

jornalista Ruth de Aquino elogia: “Py é um apreciador da vida em sua plenitude e o que ele quer com esse ‘guia da mente’ é editar mais um capítulo de sua missão de ajudar o próximo a ser feliz. E o mais incrível é que consegue.” Luiz Alberto Py é psiquiatra e psicanalista. Foi professor na Faculdade de Medicina da Santa Casa, em São Paulo, e na Faculdade de Medicina da UERJ, além de diversas sociedades de psicanálise. Palestrante e consultor, foi colunista do jornal *O Dia* e da revista *Caras*, além de prestar assessoria na produção de programas como *Big Brother*, *Mais Você*, *Linha Direta*, *Domingão do Faustão* e *Caldeirão do Huck*. É autor, entre outros livros, de *Saber Amar*, *A Felicidade é Aqui* e *Olhar Acima do Horizonte*.

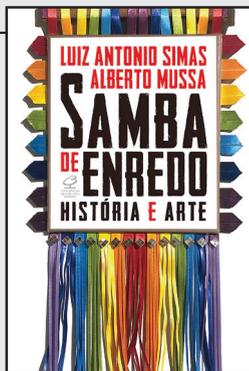
A MORTE É ARIANA

A Morte é Ariana é o mais novo romance do acadêmico Carlos Nejar, lançado no final de março deste ano pela Age Editora. Escrito em prosa-poética, trata-se de um cântico sublime, hino fervoroso que proclama os direitos humanos, alertando que o nazismo pode irromper a qualquer momento. Com frases e sentenças que se entrelaçam, vários tipos de liberdade são revisitados e reinterpretados. Temas como o liberalismo da livre opção, a libertária utopia revolucionária e a libertinagem da condição humana, entre outros, são trabalhados com maestria. Centrado na sacralidade da vida, a obra promove o desdobramento de ideias e sentimentos que levam à reflexão profunda. O músico e acadêmico Jorge Mautner, da Academia Brasileira de Filosofia, afirmou: “Os leitores são levados a um estado de êxtase com as belezas supremas que surgem, com incessantes surpresas, criadas por este genial escritor iluminado pela Graça Divina neste livro irrisvalável.” Um dos mais importantes poetas da sua geração, Carlos Nejar, também chamado de “o poeta do pampa brasileiro”, é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia. Autor de uma obra robusta, intensa e diversificada, Nejar teve o nome indicado ao Prêmio Nobel de Literatura, em 2017, com o apoio de várias entidades literárias.



SAMBA DE ENREDO: HISTÓRIA E ARTE

Samba de Enredo: História e arte (Ed. Civilização Brasileira, 2022), de Luiz Antonio Simas e Alberto Mussa, resgata personagens e momentos importantes na história do samba por meio de análises dos sambas mais marcantes das escolas, desde 1870 até a atualidade. A nova edição, revista e ampliada, traz posfácio inédito dos autores, apaixonados pela cultura do samba e grandes referências do carnaval carioca. O texto de orelha é o da edição original, assinado pelo mestre Haroldo Costa. Em meio a ritmos, letras e personagens, os leitores conhecem o modo como esse gênero tipicamente brasileiro vem sendo construído e se desenvolvendo. Alberto Mussa nasceu no Rio de Janeiro, em 1961. Além de contos, romances, ensaios e traduções, é autor do *Compêndio mítico do Rio de Janeiro*, série de cinco novelas policiais, uma para cada século da história carioca. Desde 2017, Mussa é jurado do Estandarte de Ouro, o mais tradicional prêmio do carnaval carioca. Luiz Antonio Simas é mestre em história pela UFRJ, professor e escritor. Com diversos livros publicados, recebeu o Prêmio Jabuti – Livro do Ano, em parceria com Nei Lopes, pelo *Dicionário da História Social do Samba*. Juntos, também escreveram *Filosofias Africanas*.



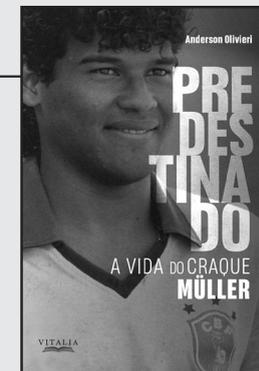
UM MILHÃO DE MOTIVOS PARA TER FÉ

Com o lançamento de *1 Milhão de Motivos para Ter Fé* (Editora LCR, Fortaleza-CE, 2022), Diego Vinícius finaliza a série de publicações da trilogia iniciada com *1 Milhão de Motivos para ser Feliz* (2020) e *1 Milhão de Motivos para ser Grato* (2021). Com ilustrações de Vitória Albuquerque, o livro traz reflexões por meio de mensagens positivas de fé, num convite à espiritualidade, reforçando o otimismo e a esperança. Dividido em textos curtos, muitos deles iniciados com citações bíblicas, o livro traz uma reflexão para cada mês do ano, além de mensagens para todos os tempos, tais como *Uma grande lição*, *Faça algo mais*, *Soltem as pedras*, *Sal e luz*, *Os bons ventos* e *Toda dor é por enquanto*. Na apresentação, Diego Vinícius fala sobre o propósito de sua escrita: “Decidi escrever um livro que fosse uma luz no meio da escuridão. Um farol que serve para nos avisar que a terra segura não está tão distante, mesmo com as tempestades.” Nascido em Estância, Sergipe, Diego Vinícius é graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. É autor, além da trilogia citada, de *100 Poemas para 1 Pessoa Só* (2014), *Tão à Flor da Pele* (2016), *Te fiz uma Oração de Amor* (2017) e *Luz do Bem* (2018), entre outros.



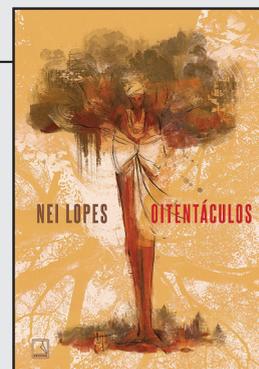
PREDESTINADO: A VIDA DO CRAQUE MÜLLER

Após cinco anos de pesquisa, o jornalista Anderson Olivieri lançou, pela editora Vitalia, o livro *Predestinado: A vida do craque Müller*. Ao longo da apuração, além de 15 horas de conversas com Müller, o autor realizou mais de cem entrevistas com familiares, amigos, jornalistas e ex-colegas do atacante. O prefácio de Mário Magalhães (vencedor do prêmio Jabuti de 2013 com o livro *Marighella – O guerrilheiro que incendiou o mundo*) aponta a obra como um dos melhores livros de futebol já escritos no Brasil. A narrativa aborda desde a infância pobre de Müller, em Campo Grande, passando pela adolescência, com a chegada improvável ao São Paulo Futebol Clube, no começo da década de 1980, chegando ao sucesso meteórico no time profissional. O livro traz à tona também aspectos pessoais da vida de Müller – a maioria deles revelados à época pela imprensa. Anderson Olivieri nasceu em Brasília, em 1983. Jornalista e escritor, assinou por três anos, aos domingos, a coluna esportiva *Gol de Letra*, do *Jornal de Brasília*. Colaborou também com jornais como *O Popular*, *Correio Braziliense* e *A Tarde*. É fundador e editor da Vitalia e autor de *Rosa, uma Brasileira* (Vitalia, 2022), entre outros.



OITENTÁCULOS

Um dos nomes mais importantes da literatura e do pensamento brasileiros contemporâneos, Nei Lopes, aos 80 anos, lançou *Oitentáculos*. A obra é composta por 69 poemas, a maioria inéditos, e alguns escritos entre as décadas de 1960 e 1980. O autor reconstrói o passado – o próprio e o do Brasil – e se lança na direção do além. Os poemas reverenciam os mistérios que alicerçam a esperança. Juntos, os textos apresentam os principais temas da lira de Nei Lopes: a ancestralidade afro-indígena, caribenha e afro-americana, o canto da diáspora negra e a cosmologia dos orixás; a esperteza da lábia, os jogos de palavras e o ritmo sempre bem cadenciado; as lembranças de infância, sua formação acadêmica e de rua, as brincadeiras e os aprendizados da mocidade no bairro de Irajá, no Rio de Janeiro; e, além de tudo, o compromisso reafirmado em seus versos com “a Poesia, a Democracia e o Direito”. Premiada com o Jabuti, autor de uma vasta obra de estudos africanos, de cunho eminentemente pedagógico, centrada em obras de referência como dicionários e uma enciclopédia, ele também é compositor, parceiro de bambas como o maestro Moacir Santos, Ivan Lins, Zé Renato, Fátima Guedes e Ed Motta, e membro da Velha-Guarda do Salgueiro.



A intervenção de Niskier para a transformação do Brasil

Por Antonio Valdemar*

A crise que se manifesta, no Brasil, nos mais diversos setores da Educação e do Ensino constitui o tema de comunicação e debate hoje na Academia das Ciências

Arnaldo Niskier, que é – e há muito, no Brasil, – uma das maiores autoridades em matéria de Educação e de Ensino, encontra-se em Portugal para estabelecer contatos institucionais e uma comunicação na Academia das Ciências, de cuja Classe de Letras é sócio correspondente brasileiro. O tema abrange a história do passado e a problemática do presente. Subordinada ao tema genérico *Da Companhia de Jesus à Educação no Brasil nos Dias de Hoje*, Arnaldo Niskier, como, aliás, se verifica em numerosos ensaios críticos que tem publicado, não se escusará de abordar a “conjuntura atual que permanece” – e conforme tem repetidamente acentuado “repleta de condicionalismos. Muitas das soluções apresentadas têm sido precárias e acentuam, cada vez mais, a profunda crise que se manifesta, no Brasil, nos mais diversos setores da Educação e do Ensino”.

A Academia das Ciências de Lisboa, na sua trajetória bicentenária, inscreveu o Brasil, logo de início, nos seus grandes objetivos literários, científicos, políticos e diplomáticos. A presença de José Bonifácio, como secretário geral, constitui um dos exemplos mais emblemáticos. Este objetivo voltou a ser relançado e inserido numa hierarquia de prioridades pelo Prof. Dr. José Luís Cardoso, atual presidente da Academia das Ciências e pelos seus diretos colaboradores. Mas é com a maior satisfação que reconheço, também, faz parte da programação que está a ser realizada, pelo meu colega e confrade Merval Pereira, presidente da Academia Brasileira de Letras, mestre de Jornalismo e de Jornalistas, grande repórter e grande protagonista nas tribunas de opinião, do jornal *O Globo* e membro do conselho editorial do *Grupo Globo*, o maior universo da comunicação social não apenas do Brasil, mas, também, da América Latina.

Eleito, em 2 de Dezembro de 1999, sócio correspondente brasileiro da Academia das Ciências, Arnaldo Niskier tem uma forte e extensa relação com Portugal. Somos amigos desde 1963 – há, portanto, 60 anos – e ambos nos conhecemos como jornalistas a realizar um trabalho profissional – Arnaldo Niskier para a *Manchete* e eu para o *Diário de Notícias*.

Além da comunicação que vai proferir e que já mencionamos, a Academia das Ciências presta-lhe homenagem, em cerimônia presidida pela vice-presidente da Classe de Letras, Profa. Dra. Maria da Glória Garcia, para evidenciar os aspectos mais relevantes da obra e da personalidade de Arnaldo Niskier. É uma intervenção em torno dos múltiplos aspectos do magistério, mas também abrange uma expressiva atividade pública, no exercício de funções governamentais. Em largas dezenas de livros ocupou-se do estudo e reflexão da investigação histórica e literária e do jornalismo profissional, adquirindo, nas últimas décadas, uma dimensão nacional e um estatuto internacional.

Com efeito, os últimos 50 anos do Brasil, há a inapagável marca da intervenção cultural, social e política de Arnaldo Niskier. O *Planetário da Gávea*, no Rio de Janeiro – referência obrigatória da cidade e invadido, diariamente, por sucessivos grupos de jovens estudantes e turistas – constitui uma das suas notáveis realizações, resultantes das quatro vezes que desempenhou cargos governamentais nas áreas da Cultura e Educação, da Ciência e da Tecnologia. Ao proceder à requalificação da cultura do Brasil, também projetou um *Museu da Ciência*, na cidade de Campos, no espaço emblemático da Quinta da Baronesa; e, ainda, no Rio de Janeiro, organizou e pôs em funcionamento um *Museu do Automóvel*, ao lado do *Planetário*.

Mas também avultam-no diversificado currículo de Arnaldo Niskier – a implantação de uma centena de escolas e o lançamento de uma rede de bibliotecas, a fim de estimular a leitura e promover a difusão do livro. Instituiu concursos e festivais de literatura, organizou debates sobre novas tecnologias, colóquios, seminários e outras iniciativas, para a valorização da língua portuguesa, como língua de expressão e cultura, como língua de trabalho, idioma de comunicação para o diálogo e o encontro de povos e civilizações.

Membro da Academia Brasileira de Letras, desde 1984, e seu presidente em 1998 e 1999, exerceu uma ação de tal modo relevante que Carlos Heitor Cony, com pleno conhecimento de causa, afirmou que a existência centenária da ABL se caracteriza por “dois períodos – antes e depois de Arnaldo Niskier. Trouxe para a ABL o seu know-how de grande executivo. Impôs a modernidade”.

Devem-se-lhe, por exemplo, a instalação do Banco de Dados, que catalogou mais de 12 mil escritores da língua portuguesa; e, ainda, a instalação e inauguração do *Teatro Magalhães Júnior* e a fundação da *Galeria Manuel Bandeira*.

E last, but not least, intensificou o culto por Machado de Assis, grande escritor, o maior entre os maiores fundadores da Academia Brasileira de Letras. Arnaldo Niskier já havia consagrado um livro que tem lugar primordial na bibliografia de Machado e, onde a dado passo, observa, com penetrante lucidez que, “*toda a obra machadiana, é sempre uma lição, mesmo quando não é, exatamente, esse o seu objetivo*”. Nada mais exato, seja qual for a perspectiva que contemplemos a obra multifacetada de Machado de Assis. Isto por que Machado de Assis ensinou o Brasil a ser ele mesmo.

Perante embaraços suscitados por familiares que continuavam nas fronteiras do absurdo, Arnaldo Niskier empenhou-se, com tenacidade, na trasladação, em Abril de 1998, para o mesmo jazigo do Cemitério São João Batista, de Machado de Assis e de sua mulher e inseparável companheira Carolina, celebrada num dos mais belos sonetos da língua portuguesa. Havia uma questão fundamental a resolver. Depois do falecimento de Machado, a família de Carolina recusou, obstinadamente, a colocação do seu corpo ao lado dos restos mortais do marido, sob a alegação de que “*ele era mulato*”. Arnaldo Niskier conseguiu que Machado e Carolina voltassem a ficar juntos para sempre. Uma alegoria escultórica, *dois pares de mãos entrelaçadas*, simboliza a vida vivida em comum e repara a odiosa discriminação racial.

O magistério cultural e cívico de Arnaldo Niskier vai, como sempre, incindir – nesta comunicação apresentada na Academia das Ciências de Lisboa – em questões primordiais destinadas a transformar o Brasil. É a aposta no futuro.



Os académicos Arnaldo Niskier e António Valdemar na Academia de Ciências de Lisboa.

*Antonio Valdemar é jornalista e sócio efetivo da Academia das Ciências.

Sobre linguagem neutra

Por Evanildo Bechara*

A gramática é como um edifício, você mexe na parte externa, que é a pintura, que são as palavras, mas não na estrutura, ou seja, na parte interna.

As novas palavras ou expressões que nos chegam, na constante evolução da língua, surgem da necessidade que temos de nomear algo que passou a fazer parte da nossa realidade. Os nomes técnicos, as palavras sugeridas por cientistas, especialistas, ou aquelas criadas pelo povo, todas têm igualmente possibilidade de registro. Assim, toda criação linguística, culta ou popular, nasce pela vida intelectual e cultural dos povos. Uma nova palavra ou expressão começa a circular nos dicionários quando se incorpora ao léxico culto ou popular de uma língua, atestando a produção ou reprodução (porque às vezes o termo já existia na língua com outro significado) de novidades linguísticas.

Antes de uma nova palavra ser registrada em um dicionário ou vocabulário ortográfico, observamos alguns aspectos:

– o primeiro deles é verificar se o termo foi criado segundo os princípios que regem a formação de palavras antigas e modernas no nosso léxico;

– segundo, se a criação traduz com eficiência a ideia que quis transmitir quem a empregou;

– terceiro, se, para traduzir a mesma ideia, o idioma não dispõe de palavras antigas e mais expressivas;

– quarto, se o fato de não existir um termo no dicionário é prova suficiente de que não deva ser criado ou de que constitui um erro o seu emprego.

Outros aspectos como a frequência de uso, a sua presença em textos oficiais, jornalísticos, acadêmicos, etc. e a relevância da palavra para os assuntos debatidos nas universidades e na vida social e profissional das pessoas também são levados em consideração na seleção dos vocábulos e expressões.

Em se tratando de estrutura, as regras ortográficas da língua portuguesa e de muitas outras línguas, principalmente românicas, se baseiam em dois princípios fundamentais: o uso e a etimologia. Por isso, determinados expedientes criados por princípios pessoais não entram na aceitação da ortografia dita oficial, como, por exemplo, a utilização das letras x ou e, propostas por algumas instituições, para explicitar a não determinação de gênero.

Você não altera as regras de gênero, assim como não se muda as regras de formação de plural e de conjugação dos verbos. Essa é uma mudança com a qual não é preciso se preocupar porque jamais será aceita totalmente pela comunidade de falantes.

*Evanildo Bechara é membro da Academia Brasileira de Letras.

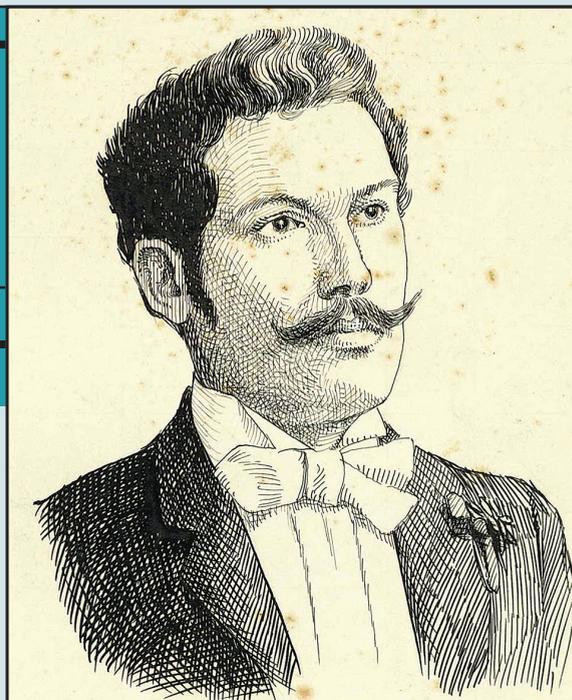
O acadêmico Guimarães Passos

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

A Academia Brasileira de Letras já serviu de tema a obras literárias – inclusive de ficção, enfocando fatos ou personagens que têm a ver com a Casa. É o caso, sem maiores esforços de memória, de Farda, fardão, camisola de dormir, de Jorge Amado, ele mesmo acadêmico. Fábula, aliás, a chamou o autor baiano.

Parece ter inspirado Jorge Amado na caracterização da personagem Antônio Bruno, o poeta enamorado, que, doente, acaba morrendo em Paris, a figura hoje esquecida do acadêmico Guimarães Passos, fundador da cadeira 26 da ABL. Sebastião Cícero Guimarães Passos, alagoano, jornalista e poeta, é exemplo representativo da ala boêmia dos integrantes originais da Casa, irmanados no interesse comum pelas letras. Deixou impressos versos pungentes, de um lirismo aparentemente pouco ambicioso, como expressa o título do seu primeiro livro: *Versos de um Simples* (1891). A este seguiram-se *Hipnotismo* (1900) e *Horas Mortas* (1901). Na sua produção, a aparente simplicidade de expressão disfarça o artífice preocupado com o labor do verso, num tempo em que se versejava de outra maneira: “Todas as palavras cabem no verso sem mutilação. Tenha o poeta cuidado, perícia e paciência. As más rimas são imperdoáveis”, colhe-se do Dicionário de Rimas, que, em 1913, saiu a público em edição aumentada por Olavo Bilac.

Guimarães Passos foi um lírico, um boêmio, de quem Josué Montello recolheu no seu Anedotário Geral da Academia várias histórias, inclusive a que se contava da sua chegada ao Rio de Janeiro: indo a bordo de um navio despedir-se de três amigos que partiam, demorou-se, distraído-se a tal ponto que a embarcação zarparou sem que se desse conta. Só em Salvador tomou a resolução



Guimarães Passos.

de prosseguir até a capital, onde, em meio a amigos, boêmia e textos nos jornais, sua vida mudaria. Entre umas e outras, inclusive um cargo de arquivista da biblioteca do Palácio da Quinta da Boa Vista, casou-se, enviuvou e acabou-se envolvendo na Revolução Federalista, chegando a chefe de polícia no Paraná. Dominado o movimento, exilou-se em Buenos Aires, de onde voltaria para o Rio de Janeiro algum tempo depois.

Tendo estado ausente da capital, deixou de acompanhar as vertiginosas mudanças daqueles anos de troca de regime. Sua biógrafa, Laudímia Trotta, registrou o sentimento de desencanto

que o assaltou então, identificando nele “o triste horror do homem que sobreviveu à época” e chamando-o “o derradeiro vulto boêmio de um país que se transformava”. Mas sendo o poeta também um verdadeiro satirista, redigiu assim o epitáfio do século que se findava: “O século que aqui dorme/ Não achará quem o pinte:/ Foi em torpezas enorme/ E viveu tão desconforme/ Que, morrendo, deu no... XX”.

Guimarães Passos faleceu em 1909 em Paris, aonde chegou tuberculoso. O Antônio Bruno de Jorge Amado também lá faleceu, de infarto, numa vã tentativa de esboçar um soneto – forma em que o Guima fora exímio. Definiu-se o poeta com maestria nos versos finais de Nihil, soneto dedicado a Pardal Mallet: “sem ser amado, fui feliz amante;/ Imaginei bom, culpado sendo;/ E se chorava, ria ao mesmo instante./ E tanto tempo fui assim vivendo/ De enganar-me tornei-me tão contente/ que hoje nem creio no que estou vivendo”. Em 1921, a ABL fez trasladar para o Brasil os seus restos mortais.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

A direção de Rosiska na *Revista Brasileira*, onde passado, presente e futuro se encontram

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Combinando o clássico e o contemporâneo, a *Revista Brasileira*, da ABL, mais antiga em atividade no país, repaginada, no ano passado, sob a firme direção da acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira, persiste na celebração da diversidade cultural. A conceituada publicação, trimestral, apresenta, a cada edição, uma pluralidade crescente de vozes que exprimem a riqueza democrática do nosso país.

Tendo como norte a fidelidade ao humanismo e à liberdade, o destaque da primeira edição deste ano são as duas entrevistas (com Caetano Veloso e Cacá Diegues), além de textos primorosos, tais como o de Itamar Vieira Junior (sobre o ato de escrever), um artigo de Roberto Lent (sobre Inteligência Artificial e Neurociência), Eugenio Bucci, falando sobre Democracia e o discurso de posse do acadêmico Eduardo Gianetti, entre tantas outras leituras imperdíveis.

No primeiro editorial de 2023, a acadêmica Rosiska ressalta a diversidade dos talentos do país: “Escritores que contam suas escritas, a vida nos palcos e o ofício do ator, os sons, palavras e imagens do Brasil, tantas linguagens brotadas do mesmo chão, confirmando quão imenso e complexo é esse país, eivado de imperfeições e desigualdades, assim como de talentos e ideais. E que resta amado por seu povo, como afirmam seus artistas maiores, os fazedores de uma cultura viva e original, capaz de inspirar um mundo incompreensível, opaco e sombrio, onde se digladiam potências, modelos cuja validade expirou”, e completa: “O tempo é de perguntas em forma de imaginação, de pensamento, de conhecimento, de sensibilidades. Tudo com que se faz uma cultura. E é dessa multifacetada cultura que se trata aqui. O passado guarda segredos e há felizmente quem o preserve. São achados que contam o Brasil com o mesmo talento dos que falam de hoje e de amanhã. Um melôma-

no audaz que segue e grava Stravinsky, clandestinamente, nos anos 1960, durante um ensaio na Igreja da Candelária; a ópera no Rio de Janeiro do século XIX; as heroínas que mereceram a homenagem dos selos; o fado, quem diria, que nasceu no Brasil com destino transgressor. Tudo isso é a história não contada do país que visita as páginas da *Revista Brasileira*. Escrevemos em português, nossa língua. Língua portuguesa ou língua brasileira, é em português que debatemos, qualquer que seja a posição do autor. Os diferentes pontos de vista ampliam o raio de visão e injetam mais vida nessa que, por si, já é matéria viva. Passado, presente e futuro se encontram na *Revista Brasileira*. À imagem mesma da Academia Brasileira de Letras.”

No primeiro semestre de 2022, na edição de estreia sob a direção da acadêmica, o tema da Revista – “Amazônias” (com s) – foi um assunto que se impôs do que a publicação pretendia mostrar: “Contemporaneidade, relevância, diversidade de opiniões, respeito pela memória ancestral e anúncio do que está por vir”, afirmou Rosiska Darcy de Oliveira no primeiro editorial, onde ressaltou a importância da publicação: “Um patrimônio que transmite sua mensagem civilizatória por um fio invisível que, de geração em geração, nos preserva da corrosão do tempo.”

A reforma gráfica de Felipe Taborda, em parceria com Augusto Erthal, do escritório de design E-Thal, deu nova identidade visual no primeiro número da décima fase da publicação (número 110). Novas seções dedicadas à ciência, tecnologia, cinema, música e fotografia, marcaram a estreia sob a direção da acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira, com grandes nomes da cultura nacional presentes.

Disponibilizada no site da ABL, a publicação reforça as atividades que a Casa de Machado oferece ao público. Para isso, traz a seção “ABL: Portas Abertas”, com textos inéditos dos acadêmicos.

Ninguém conta melhor a verdade de um país do que sua literatura.

HISTÓRICO

A primeira publicação conhecida por usar o nome de Revista Brasileira apareceu no dia 14 de julho de 1855, com o título de *Revista Brasileira, Jornal de Literatura, Teatros e Indústria*, fundada e dirigida pelo Dr. Francisco de Paula Meneses. Anunciava-se como quinzenal, mas só apareceu o n.º 1.

A segunda surgiu em 1857, com a denominação de *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes*. Durou até 1861, perfazendo quatro volumes. Seu diretor, Cândido Batista de Oliveira (1801-1865), formado em Matemáticas pela Universidade de Coimbra e aluno da Escola Politécnica de Paris, era um cientista e publicava, sobretudo, artigos científicos. Afrânio Peixoto, ao fazer o histórico das fases da revista, silenciou sobre Paula Meneses e apresentou os volumes de Batista de Oliveira como a Fase I.

A Fase II da *Revista Brasileira*, a chamada “fase Midosi”, editada por Nicolau Midosi, publicou, regular e mensalmente, de junho de 1879 a dezembro de 1881, 30 números, reunidos em 10 volumes. Em suas páginas, tiveram primeira publicação as Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, os poemas de Fagundes Varela que constituem O diário de Lázaro, a “Introdução à História da literatura brasileira”, de Sílvio Romero, aproveitada, mais tarde, na sua História da literatura brasileira, entre tantas e importantes colaborações.

A Fase III, a chamada “fase José Veríssimo”, circulou de

REVISTA **BRASILEIRA**
DEMOCRACIA
 Eugênio Bucci Sérgio Abranches Renato Janine Ribeiro
 Joel Birman Cristovam Buarque Edmar Lisboa Bacha

SONS, PALAVRAS E IMAGENS
 Caetano Veloso Antonio Cicero Carlos Diegues

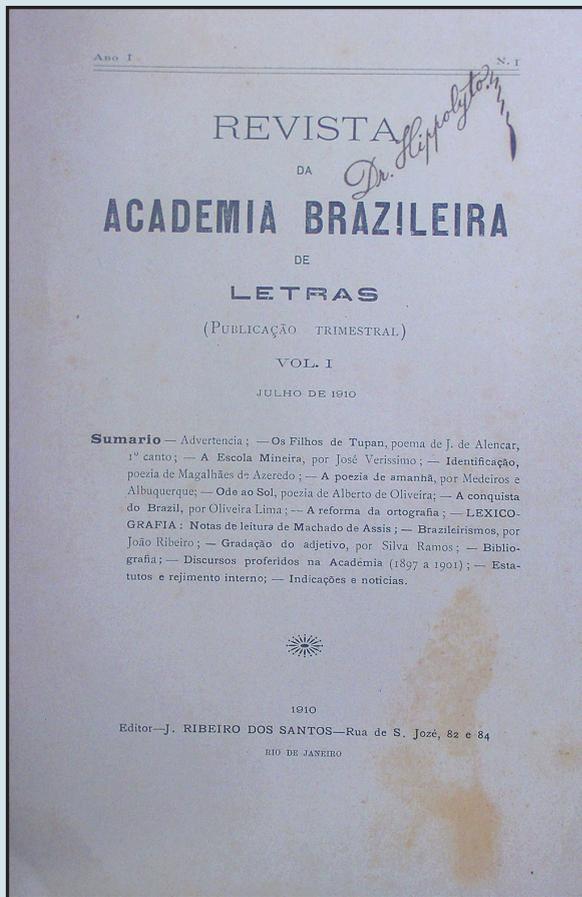
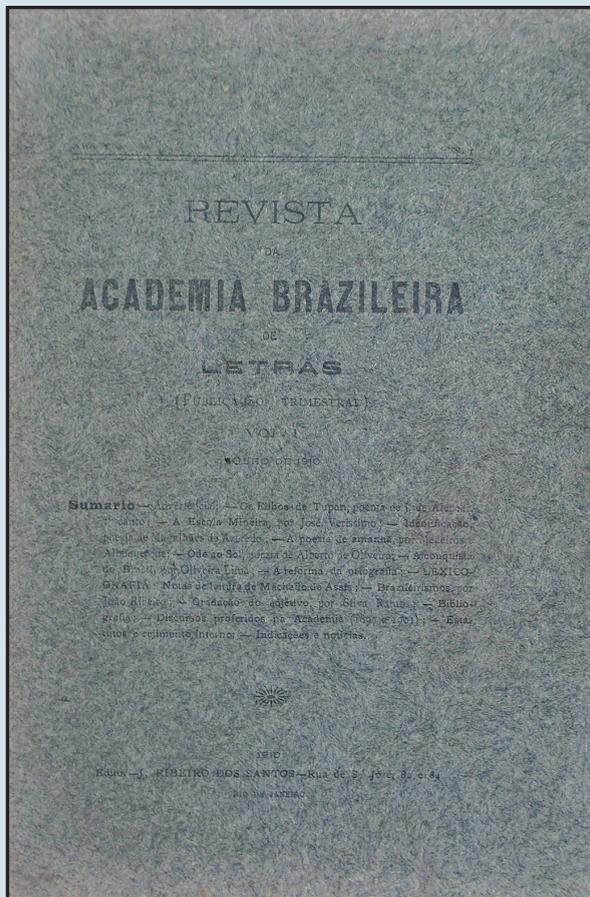
Escritas
 Ana Maria Machado Ruy Castro
 Itamar Vieira Junior Eliana Alves Cruz

Ciência
 Luiz Alberto Oliveira Roberto Lent

Palco Língua portuguesa, língua brasileira
 Achados Celebrações Livros

JANEIRO FEVEREIRO MARÇO 2023 • FASE X • ANO II • N.º 114

Publicação de Julho-Dezembro 2022, Fase X, Ano I, tema “Nós os brasileiros”.



Capa e folha de rosto da edição número 1 da Revista da Academia Brasileira de Letras, 1910.



janeiro de 1895 a setembro de 1899. Foram publicados 19 tomos, com 93 fascículos. Sem dar destaque à sua condição de diretor, José Veríssimo apenas solicitava, na contracapa, que as colaborações fossem enviadas ao “Sr. José Veríssimo, director da Revista Brasileira, Ouvidor 66”. Nesse endereço, reuniam-se os escritores que fundaram a Academia Brasileira de Letras.

Nas páginas da revista, foram publicados os discursos proferidos na sessão inaugural pelo presidente Machado de Assis e pelo secretário-geral Joaquim Nabuco, assim como a “Memória Histórica” do 1.º secretário Rodrigo Otávio.

A Fase IV da *Revista Brasileira*, dirigida por Batista Pereira, genro de Rui Barbosa, durou apenas de junho de 1934 a novembro de 1935. Na folha de rosto, anunciava “Publica-se mensalmente”, mas não foi regular, publicando, durante 18 meses, apenas 10 números.

A Fase V da *Revista Brasileira*, a partir da qual passou a ser publicada pela Academia Brasileira de Letras, nasceu de uma proposta de Levi Carneiro, então presidente da Casa de Machado de Assis, e teve início em julho de 1941. Embora tivesse encontrado forte oposição por parte de alguns acadêmicos, insatisfeitos com a decisão, posteriormente revogada, de membros da Academia não poderem publicar na revista, a iniciativa teve relativo êxito.

Em 1948, saiu o vigésimo número. Após uma interrupção de 10 anos, voltou a circular em 1958, ainda sob a direção de Levi Carneiro, e chegou ao n.º 29, publicado em novembro de 1966.

A Fase VI, sob a direção de Josué Montello, compreende apenas seis volumes, de 1975 a 1980.

A Fase VII, sob a direção de João de Scantimburgo, abrangeu 69 números, pautando-se pelo critério da trimestralidade, e circulou do último trimestre de 1994, quando voltou a ser publicada, até dezembro de 2011.

A Fase VIII iniciou no primeiro trimestre de 2012, sob a direção de Marco Lucchesi.

Na Fase IX, com a direção de Cicero Sandroni, de 2018 a 2021, a Revista contou, no Conselho Editorial, com os acadêmicos Arnaldo Niskier, João Almino e Merval Pereira.

Em 2022, teve início a Revista repaginada, sob a direção da acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira. No Conselho Editorial, estão os acadêmicos Cacá Diegues, Zuenir Ventura e Joaquim Falcão.

Uma coleção completa da *Revista Brasileira* encontra-se no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, que organizou e publicou o índice da *Revista Brasileira* das seis primeiras fases, e uma coleção microfilmada está disponível na Divisão de Informação e Documentação da Biblioteca Nacional. Todas as edições também podem ser acessadas on-line pelo site da Academia Brasileira de Letras.



No Lançamento da *Revista Brasileira*, na Livraria da Travessa, em 2022, a editora e diretora Rosiska Darcy de Oliveira, entre Ruth Niskier e a acadêmica Fernanda Montenegro.

A alegria dos recomeços

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

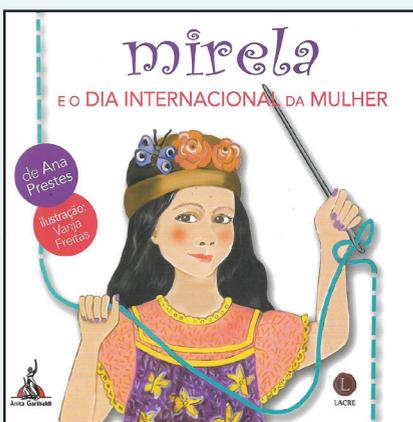
Tudo parece diferente! Novas histórias, novos encontros, novas descobertas. Esta deliciosa sensação que nos dá a impressão de que as coisas mudaram. Há mais sorrisos, há mais compreensão, há mais conversas! Isso tudo também se reflete na produção editorial: novos textos, diversidade presente, preconceitos combatidos, novas editoras e novas ideias. Mas, apesar das novidades, os contos clássicos retornam em novas edições bem ao gosto dos jovens, trazendo aventuras, suspense, e ressaltando a importância da amizade.

Um bom recomeço para todos!

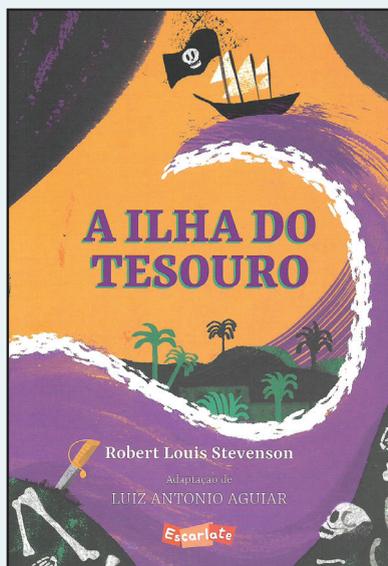
A Alegria de um Cachorro com uma Bola na Boca – Bruce Handy e Hyewon Yum (tradução de Alice Sant’Anna – Brinque-Book) – Quando o dia amanhece, quantas oportunidades acontecem. Algumas bem alegres, outras que dão um friozinho na barriga. Como será o primeiro dia de aula? Qual o sabor de sorvete que vou querer? Muitas escolhas... precisamos estar atentos para todas as possibilidades. Alegres ou nem tanto!



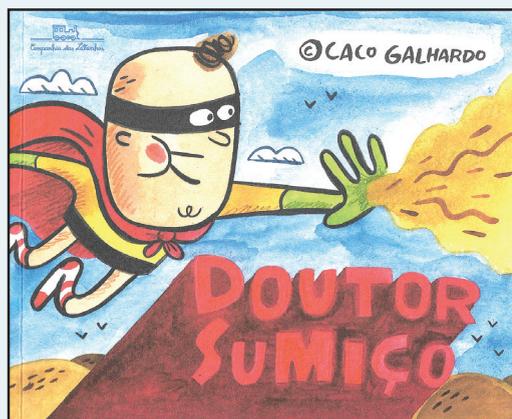
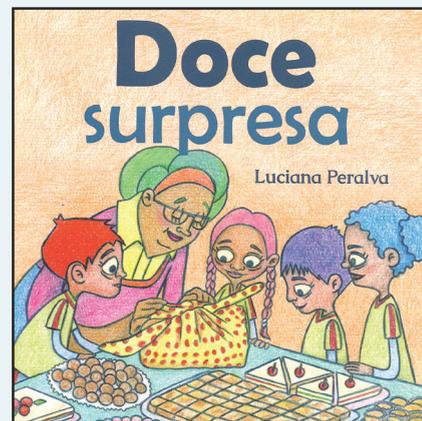
Mirela e o Dia Internacional da Mulher – Ana Prestes, ilustrações de Vanja Freitas (Coedição: Editora Lacre e Editora Anita Garibaldi, com financiamento coletivo). O mês de março passou e foram muitas as manifestações para comemorar o dia 8 de março – Dia Internacional da Mulher. Mirela recebeu a tarefa na escola e foi pesquisar a origem da homenagem. Com linguagem simples e ilustrações que complementam as informações, o livro apresenta movimentos e lutas que garantiram às mulheres o direito ao voto e o alcance de um lugar preponderante na sociedade.



A Ilha do Tesouro – Robert Louis Stevenson, adaptação de Luiz Antonio Aguiar (Escarlate). Desde o lançamento, em 1883, esse clássico de aventura fascina jovens leitores de todo o mundo. A nova adaptação nos conduz na magia em busca do tesouro perdido do lendário capitão Flint. Como o jovem Jim Hawkins se envolveu nessa aventura? Será que ele vai conseguir enfrentar, com seus amigos, o pirata Long John Silver, que sempre está com o papagaio Billy Jones no ombro?



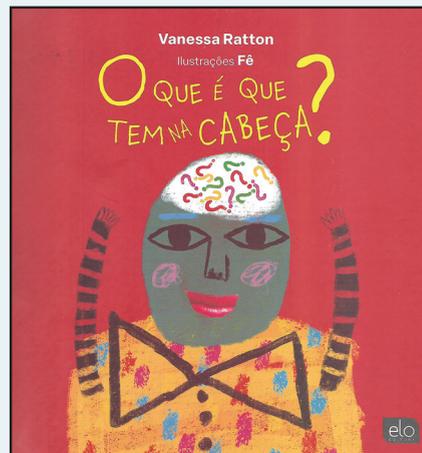
Doce Surpresa – Texto e ilustrações de Luciana Peralva (Edição da Autora) – O texto da quarta-capa, assinado pelo autor e querido amigo Ricardo Benevides, ressalta a importância de como resolver impasses e o tema pode ser transportado para outros dilemas maiores. Para ele, “Doce Surpresa tem gosto de esperança. É para saborear com o coração pronto para a renovação”. E a receita ao final é uma delícia!



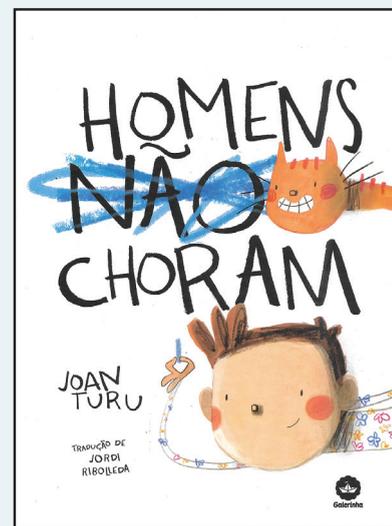
agora? Onde será que tudo foi parar? Ei, deixe o controle da TV aí na mesinha!

Doutor Sumiço – O cartunista Caco Galhardo cria uma história muito divertida (Companhia das Letrinhas) sobre o menino Lico e a sua capacidade de dar sumiço em tudo (ou quase tudo) que ele toca. O garoto conclui que deve ser um tipo de super herói – o Doutor Sumiço! E

O Que É Que Tem na Cabeça? – Vanessa Ratton escreveu e Fê ilustrou (Elo Editora) – A diversidade está presente nesse livro divertido e que faz pensar. A autora apresenta inúmeras possibilidades, demonstrando que não somos iguais, mas as diferenças podem nos completar. As ilustrações incríveis e engraçadas transformam os versos em um jogo visual. Que linda edição! Você já pensou sobre o que guarda na sua cabeça?



Homens Choram – Texto e ilustrações de Joan Turu, tradução Jordi Ribolleda (Galerinha Record) – A proposta do texto já se apresenta na capa, com a palavra NÃO rabiscada por uma mão infantil. O autor do rabisco é o menino Nil, um garotinho muito feliz, mas que está preocupado em se transformar em um HOMEM! Ninguém ensinou a ele o que é ser homem e, olhando ao redor, ele começa a pesquisar as figuras masculinas de seus livros, vizinhos, parentes, na TV. A experiência não é lá muito boa! Quando o menino encontra alguém que o ajuda, tudo muda, e Nil decide ser o homem que escolheu!



BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



ANA MARIA GONÇALVES

Escritora brasileira, nasceu em Ibiá, no estado de Minas Gerais, em 1970. Começou a escrever contos e poemas desde a adolescência, sem

chegar a publicar. A paixão pela leitura nasceu durante a infância, e desde criança lia jornais, revistas e livros. Trabalhou como publicitária em São Paulo, mas abandonou a profissão em 2002 para morar em Itaparica e escrever seu primeiro livro, *Ao Lado e à Margem do que Sentes por mim*. O romance foi lançado de forma independente em 2002, e vendeu praticamente toda a edição de mil exemplares através da divulgação pela internet. A autora trabalhou durante 5 anos para escrever seu segundo romance, *Um Defeito de Cor*, dos quais a autora utilizou dois anos para uma pesquisa rigorosa, um ano para escrita e mais dois anos para reescrita, sendo lançado em 2006, pela editora Record. A obra conquistou o Prêmio Casa de las Américas na categoria literatura brasileira, em 2007, sendo considerado por Millôr Fernandes o livro mais importante da literatura brasileira do século XXI. A obra, inspirada na vida de Luísa Mahin, celebrada heroína da Revolta dos Malês, conta a trajetória de uma menina nascida no Reino do Daomé e capturada como escrava aos 8 anos de idade, até a sua volta à terra natal como mulher livre. Em 2017, o livro já havia vendido cerca de 16 mil exemplares. Em 2015, foi anunciada a adaptação do livro *Um Defeito de Cor* para uma série televisiva, com previsão para lançamento no ano de 2021. Em dezembro de 2016, Ana Maria Gonçalves se tornou colunista de assuntos raciais, culturais e políticos do jornal *The Intercept Brasil*.

acervo JL



MACIEL MONTEIRO

Médico, jornalista, diplomata, político, orador e poeta, nasceu em Recife, PE, em 30 de abril de 1804, e faleceu em Lisboa, Portugal, em 5 de

janeiro de 1868. É o patrono da cadeira nº 27, por escolha do fundador Joaquim Nabuco. Foi vereador da Câmara Municipal e diretor do Teatro Público. Ligado ao Partido Conservador, foi eleito deputado provincial (1833) e geral (1834-1844 e 1850-1853), ministro dos Negócios Estrangeiros de 1837 e 1839 e, deste ano a 1844, diretor da Faculdade de Direito de Olinda. Nomeado membro do Conselho do Imperador em julho de 1841 e diretor geral da Instrução Pública em Pernambuco, em 1852. Foi redator e colaborador de *O Lidador*, órgão do Partido Republicano (Recife, 1845-1848); *A Carranca*, periódico político-moral-satírico-cômico (Recife, 1846); *A União*, órgão do Partido Conservador (Recife, 1848-1851). Estava a serviço do Brasil quando ali faleceu. Seus restos mortais foram trasladados para Pernambuco em 1870 e, encerrados, em 1872. A sua formação cultural na Europa, o contato com o Romantismo francês e posteriormente com o Romantismo português determinaram a feição romântica da sua obra antes mesmo de se achar definido no Brasil o Romantismo. A sua melhor produção literária é representada pelas poesias lírico-amorosas, mas nada publicou além da tese de medicina, em francês, e algumas poesias e discursos parlamentares, entre os quais se destaca o que pronunciou em 10 de junho de 1851 acerca da abolição do tráfico negro, e isso revela duplo aspecto pouco conhecido de Maciel Monteiro: o orador e o abolicionista.

acervo JL



HARUKI MURAKAMI

Escritor e tradutor japonês, nasceu em Quioto em 12 de janeiro de 1949. Seus trabalhos mais conhecidos são *Caçando Carneiros*, *Norwegian*

Wood, *Crônica do Pássaro de Corda*, *Kafka à Beira-Mar* e *1Q84*. Apesar de nascido em Quioto, passou a maior parte de sua juventude em Shukugawa (Nishinomiya), Ashiya e Kobe. Frequentou a Universidade de Waseda, em Tóquio, dedicando-se sobretudo aos estudos teatrais. Antes de terminar o curso, abriu um bar de jazz chamado Peter Cat, à frente do qual se manteve entre 1974 e 1982. Em 1986, partiu para a Europa e depois para os EUA, onde acabaria por se fixar. Em 1995, suas obras começam a se tornar mais socialmente conscientes, tomando a *Crônica do Pássaro de Corda* (1995) como exemplo, que lida em parte com o tópico da invasão japonesa da Manchúria (Nordeste da China). O romance ganhou o Prêmio Yomiuri, concedido por um dos ex-críticos mais severos de Murakami, Kenzaburō Ōe, que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1994. Escritor particularmente influenciado pela cultura ocidental, Murakami traduziu para o japonês obras de F. Scott Fitzgerald, Truman Capote, John Irving e Raymond Carver. Murakami é aficionado em esportes de resistência: participa de maratonas e de triatlos, embora só tenha começado a correr depois dos 33 anos. No dia 23 de junho de 1996, completou sua primeira ultramaratona, uma corrida de 100 quilômetros ao redor do lago Saroma em Hokkaido, Japão. Aborda sua relação com o esporte no livro *Do que eu Falo quando eu Falo de Corrida* (2008).

Festa da Penha agora patrimônio cultural dos capixabas

Por Manoel Goes Neto*

Maior evento religioso do estado do Espírito Santo, a Festa da Penha na sua 453ª edição desse ano acontecerá no período de 09 a 17 de abril, com o tema *Com Maria, Chamados a Servir*, tendo na sua identidade visual símbolos capixabas, com destaque para o colibri, frutos do café e cacau, como também a imagem de fiéis em romaria. A Festa acaba de conquistar um importante reconhecimento por meio da Lei Nº11.721, sancionada pelo governador Renato Casagrande, em 21 de dezembro de 2022, que declara a Festa da Penha patrimônio cultural do Estado do Espírito Santo. Além do significado religioso que tem para o Estado, é uma das mais importantes festas para o movimento turístico capixaba, crescendo a cada ano, devido a data ser feriado estadual. É a terceira maior festividade mariana do Brasil e, neste ano, os organizadores acreditam na participação de mais de 1,5 milhão de fiéis. A Festa da Penha em Vila Velha, é um patrimônio histórico-cultural-imaterial de grande relevância nos quase 500 anos de história do município canela-verde, e dos capixabas.

O crescimento da população e o incentivo das igrejas contribuíram

para o sucesso da Festa da Penha nestes 453 anos ininterruptos. Fiéis de vários pontos do Estado chegam para as festividades, além das caravanas: dezenas de ônibus saem de cidades do interior do estado em direção a Vila Velha, lotados de católicos que desejam participar do evento, que voltou a ser feriado estadual. Segundo alguns historiadores, o Convento propriamente dito, foi fundado em 1651 praticamente 80 anos depois da morte do irmão leigo franciscano Pedro Palácios, que havia chegado em Vila Velha nos anos 1558, e construiu no alto da Penha um oratório (ermida), onde colocou a estampa de Nossa Senhora das Alegrias, e escultura em madeira de Nossa Senhora da Penha, que mandara vir de Portugal. A festa teve um início muito simples em 1571 com pequenos grupos de fiéis organizando e realizando as missas em homenagem a Nossa Senhora.

No final do século XVI, a então governadora da Capitania do Estado do Espírito Santo, Dona Luísa Grinalda (ou Grimaldi), fez a doação do Outeiro da Ermida das Palmeiras (Monte da Penha) para os religiosos, através de Título Colonial de Doação. Importante lembrar que não foi frei Pedro Palácios que construiu o Convento, mesmo porque não tinha atribuição para decidir por essa fundação, e aqui estava sozinho, tendo chegado já um ancião para a época, com cerca de 58 anos de idade. A obra do Convento contou com trabalho de devotos, de indígenas e de escravos africanos, existindo lá inclusive uma senzala que chegou a ter 60 serviçais, que atuavam também na manutenção. Foi a partir de 1639 que o então Guardião do Convento da Penha, Frei Paulo de Santo Antônio, transformou a então ermida em altar-mor e começou a construir a igreja que, com o passar dos anos foi se ampliando com a construção do Convento, e em 1750 tomou a forma arquitetônica de Cidadela Medieval, única construção desse tipo no Brasil.

*Manoel Goes Neto é escritor, diretor no IHGES e subsecretário de Cultura de Vila Velha.



Por Zé Roberto

arte Desenharte

zgrauna@hotmail.com

WHITTNEY DE ARAÚJO, UMA ARTISTA VENCEDORA

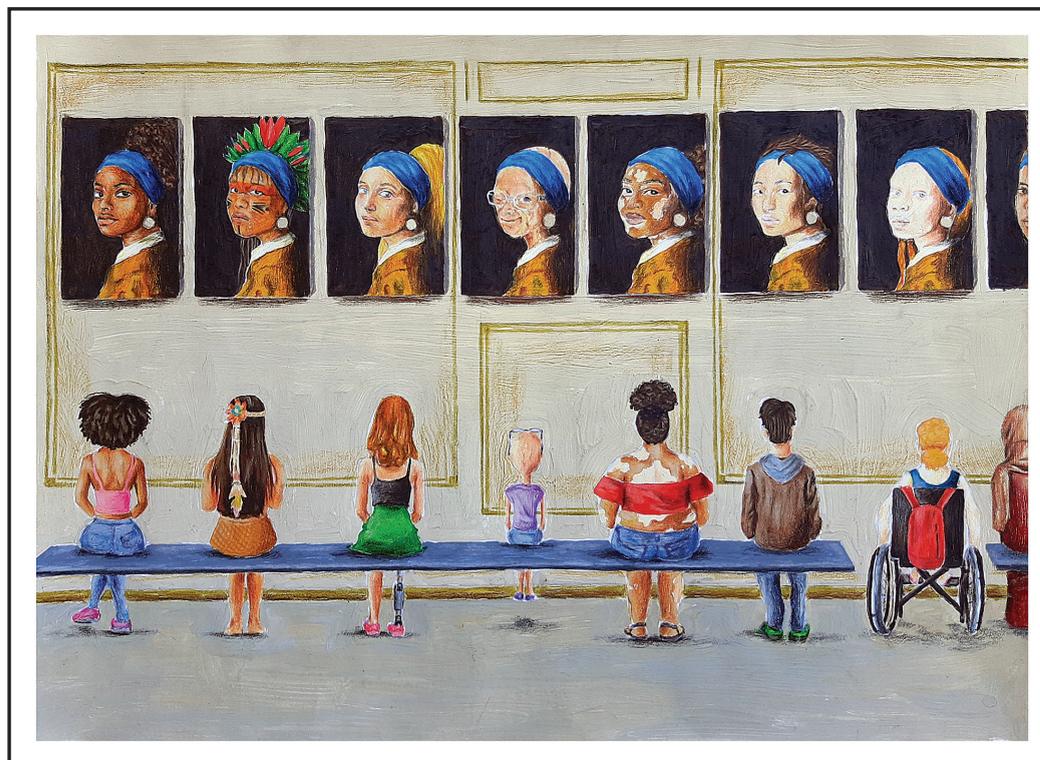
Foto © Ítalo Pereira



No final de outubro do ano passado, a jovem desenhista pernambucana Whitney de Araújo foi classificada e premiada na 20ª exposição da organização americana *Embracing Our Differences* (Abraçando Nossas Diferenças), que ocorre na Flórida, EUA. O concurso abrange duas categorias, adulto e estudante, e envolveu, nesta edição, mais de 13.700 obras de 119 países. A mostra das artes classificadas e premiadas são exibidas em três locais diferentes na Flórida. Inicialmente, a exposição ficou aberta entre 18 de janeiro a 12 de março, ao ar livre em banners de grande formato no parque Bayfront. Depois, entre os dias 22 de março a 19 de abril, no parque Butler e, a partir de 26 de abril a 29 de maio, será montada no State College of Florida.

Embracing Our Differences é uma organização sem fins lucrativos com sede em Sarasota, Flórida, que utiliza do poder da arte, educação e informação para expandir a consciência e celebrar a diversidade. Por meio de uma exposição de arte anual, em grande escala, com júri e uma série abrangente de iniciativas, programas e recursos educacionais projetados para professores e alunos, a EOD está comemorando seu 20º aniversário. No site do projeto (embracingourdifferences.org), o leitor do JORNAL DE LETRAS pode conhecer

A obra premiada de Whitney.



A arte de Johannes Vermeer que inspirou a brasileira.

obra, vemos uma jovem negra (que eu arrisco em afirmar ser a própria artista), uma indígena, uma amputada, uma frágil figura representando uma portadora da síndrome de progéria (doença caracterizada pelo envelhecimento precoce em crianças), uma mulher com vitiligo, outra jovem vestida fora dos padrões femininos, uma cadeirante e uma mulher que parece representar a religiosidade que, propositalmente, surge cortada como se a cena pudesse se estender para outras diversidades. “Queria deixar uma ideia de continuidade, ou seja, nunca vai acabar os diferentes tipos de pessoas, sempre vai existir mais e mais diferenças”, explica a talentosa Whitney.



O banner no parque Bayfront.

mais sobre as iniciativas da organização.

Whitney de Araújo, que recentemente formou-se pelo IFPE – Instituto Federal de Pernambuco, Olinda, no curso Técnico em Artes Visuais, inscreveu uma criativa arte intitulada “Somos todos pérolas”, obra inspirada na histórica pintura “Moça com brinco de pérolas”, do pintor holandês Johannes Vermeer (1643/1675). Na arte criada por Whitney, oito mulheres aparecem sentadas cada uma diante de uma versão diferente da personagem criada por Vermeer. Na

A desenhista brasileira foi agraciada, na categoria adulto, com um prêmio no valor de US\$ 2 mil e ganhou destaque na imprensa de seu Estado, além do reconhecimento dos internautas que passaram a seguir a artista nas redes sociais. No perfil @w.whitney_arts, a desenhista e pintora exibe seus ótimos trabalhos no Instagram, e aceita encomendas dos visitantes. Saúde e Arte!

500 anos se passaram...

Por Aylê-Salassiê Filgueiras Quintão*

“Demorou 500 anos, mas vocês chegaram lá...”: assim o presidente da Academia Mineira de Letras, Rogério Farias, deu posse ao primeiro índio, Ailton Krenak, como membro permanente de uma academia de letras no Brasil. Reconhecido como filósofo, poeta e escritor, o novo imortal é um líder indígena, ambientalista, da etnia krenak, do norte de Minas Gerais. Ailton é um dos nativos de raiz que mais tem lutado pelos direitos civis e de raiz dos povos da floresta no Brasil. Escreveu vários livros, entre os quais *O Índio Cidadão* e *A Sociedade do Medo*, denunciando desigualdades e até a morte do seu povo, como os guarani kaiowá, no Mato Grosso, ao serem desqualificados como cidadãos, desprezados pela sua cultura e pelas agressões sofridas dentro dos próprios territórios.

O acontecimento na Academia Mineira não mereceu muito a atenção da mídia, porque o precedente fora aberto no campo político, pelo novo governo, com a nomeação das índias Sônia Guajajara, para o novo Ministério dos Povos Originários, e de Joênia Wapichana, para a presidência da Funai, todas graduadas e pós-graduadas em universidades dos brancos. Ailton Krenak é mestre em sociologia e pedagogia, tem ainda dois doutorados *honoris causa* pela Universidade Federal do Paraná e pela Universidade de Brasília. O currículo desses indígenas são de fazer inveja. Sônia Guajajara foi considerada pela revista *Time* uma das 100 pessoas mais influentes do mundo atual.

Na UnB estão matriculados hoje em cursos de graduação e pós-graduação mais de 200 representantes indígenas. No mesmo caso estão a Universidade São Paulo e a Universidade Federal do Mato Grosso. O constrangedor é que esses cidadãos de raiz são obrigados a fazer sempre o caminho dos brancos para serem reconhecidos.

Desde o chamado Descobrimento até a eleição do cacique Juruna para a Câmara dos Deputados, houve sempre um branco posicionando-se pelos índios. Políticos, acadêmicos, eclesiásticos e Ongs falavam por eles, nem sempre no interesse deles. Se compareciam aos eventos, eram vistos como ornamentação. Por isso, só mais recente suas terras, invadidas pelos brancos ao longo da História, passaram a ser demarcadas como reservas, uma ambígua política pública que os coloca na condição de viver em território delimitado, com a perda total ou em parte dos espaços originais, parcelados com fazendeiros, garimpeiros, “sem terra” e até empresários. Para proteger as comunidades indígenas da tal “marcha (pioneira) para o Oeste”, Darcy Ribeiro e os irmãos Vilas Boas propuseram a criação do parque Nacional do Xingu, processo que se estendeu por 10 anos (1952-1961). Abrigou 17 nações indígenas, ameaçadas de perder suas terras de origem.

Escritores que escreviam sobre a cotidianidade dos povos da floresta, entre eles o próprio Darcy Ribeiro, José de Alencar, Antônio Calado, Ecilda Ramos e outros recebiam honrarias, pela disposição em ajudar a dar voz aos povos indígenas. Eram pessoas que valorizavam e valorizam o conhecimento indígena e sua maneira de viver. Os índios não recebiam nenhuma. O acesso de lideranças indígenas à Academia, privilégio de poucos, sinaliza para uma mudança de tempos e de costumes nesse, chamado, processo civilizatório.

Criada, em 1897, por iniciativa de Lúcio de Mendonça e Medeiros de Albuquerque, a Academia Brasileira de Letras (ABL) tornou-se, desde o início, um generoso abrigo para nossa memória literária, acolhendo, nos seus 125 anos de existência, a alta intelectualidade brasileira, como Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Artur de Azevedo, Olavo Bilac, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Manuel Bandeira, Oswald Cruz, Santos Dumont, Guimarães Rosa, João Cabral, que formaram fileiras na Academia Brasileira de Letras. O grande problema era a aderência do vacilante perfil dos candidatos aos propósitos da Academia.

Machado de Assis e Joaquim Nabuco, também fundadores da ABL, defendiam critérios diferentes para os candidatos a ocupação das 40 cadeiras da instituição. O primeiro defendia uma orientação exclusivamente literária. Nabuco compreendia que a ABL devia abrigar diversas áreas, com qualidades literárias. A Academia poderia abrir suas portas para todos que se destacassem em áreas específicas da literatura e da cultura, desde que tivessem a publicação de, ao menos, um livro e um percurso reconhecido no campo intelectual. Mesmo assim, a ABL nunca elegeu um índio. E, no início do século passado, a população indígena brasileira registrava 2 milhões de cidadãos.

Por estratégia dos seus presidentes, a Academia veio, contudo, se adaptando aos cenários que se apresentavam. Ficou mais política, admitindo Getúlio Vargas, José Sarney, Roberto Campos, Marco Maciel, Roberto Marinho, Guimarães Rosa e alguns mestiços, como Domingos Proença e Gilberto Gil, mas nenhum índio. Austregésilo de Athayde, filho de desembargador de Pernambuco, chegou a ser biografado como descendente de índios. No período da ditadura militar, contrariando o pensamento da maioria dos acadêmicos, ela não imortalizou, entretanto, Juscelino Kubitschek, que tanto desejou estar ali, e tinha méritos para tal. Havia vagas até para estrangeiros, e militares como o general Aurélio Lira Tavares e outros foram admitidos. Euclides da Cunha, jornalista e militar, entre outros foram membros da instituição. Em um novo momento, mais pop, imortalizou Gilberto Gil, Fernanda Montenegro, Paulo Coelho e outros mais. Contudo, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, filhos de escravos como Lima Barreto e Cruz e Souza – pai do simbolismo brasileiro – nunca foram absorvidos ali.

Ora, diante de um quadro histórico resumido como esse, o índio que nós temos na nossa cabeça é aquele que a maioria dos nossos intelectuais e jornalistas descreveu etnocentricamente, a partir dos massacres e da reação à invasão de suas terras. A Constituição de 1988 tentou estabelecer um marco para uma refundação das relações do Brasil com os 305 povos originários, procurando lutar para manter suas culturas, a autonomia e os territórios.

Entretanto, mais que as disposições constitucionais, os fatos estão conduzindo o processo, em que pese a resistência dos brancos e dos interesses que envolvem as terras indígenas. Está começando a ser reconhecido que o Brasil precisa das populações indígenas para caracterizar sua identidade étnica. Ailton Krenak, Sônia Guajajara, Joênia Wapichana, Davi Kopenawa Yanomami, os irmãos Terena e outros têm enfrentado corajosamente os embates ambíguos dos civilizados. Embora exista desde 1909, a Academia Mineira de Letras merece, enfim, um “viva” estrepitoso pela iniciativa de tornar imortal um representante nativo, enraizado. Desde o Descobrimento, os krenak são assassinados em Minas Gerais, sem que os responsáveis sejam punidos.

*Aylê-Salassiê Filgueiras Quintão é jornalista e professor.



Ailton Krenak, em 1987, ainda um jovem de 34 anos, em ato histórico de protesto na tribuna do Congresso Nacional. Seu pronunciamento contundente foi decisivo para aprovar os artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988, assegurando direitos aos povos indígenas. E, numa foto recente, já escolhido pelo “Juca Pato”, premiação entregue pela União Brasileira de Escritores, como Intelectual do Ano em 2020.

Casos da Fazenda do Retiro

Por Danilo Gomes*

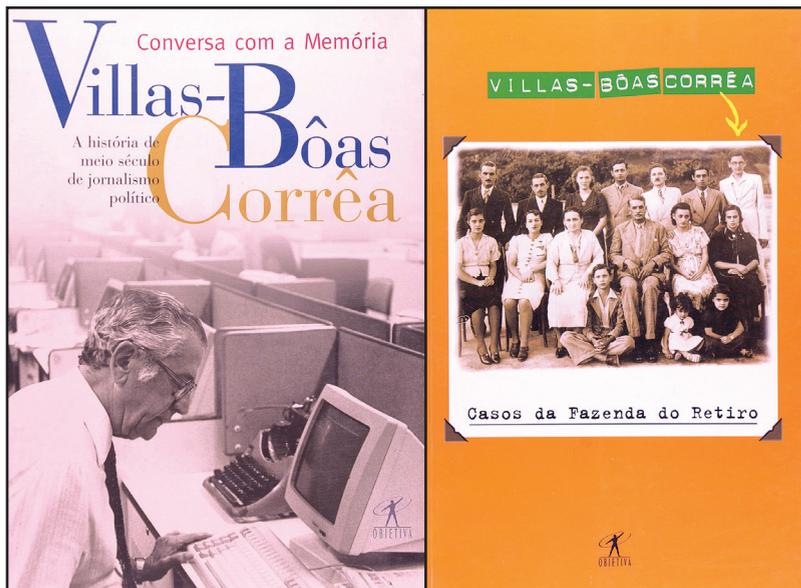
(Ao amigo Napoleão Valadares, escritor e fazendeiro)



Jornalista e escritor, Villas-Boas Corrêa nasceu no Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, em 2 de dezembro de 1923. Na pia batismal, Luiz Antônio Villas-Boas Corrêa. Faleceu na cidade natal em 15 de dezembro de 2016, aos 93 anos de idade. Formou-se em Direito pela UFRJ, em 1947. Foi jornalista político por toda a vida, desde 1948. Trabalhou em vários jornais, como *A Notícia*, *Diário de Notícias*, *Jornal*

do Brasil, *O Dia*, *O Estado de S. Paulo* (foi diretor da sucursal no Rio de Janeiro). Integrou também os quadros da Rádio Nacional. No *Jornal do Brasil*, foi editor de política. Tornou-se figura de relevo na TV Manchete. Casado com Regina Maria de Sá Corrêa e pai do jornalista Marcos Sá Corrêa e do professor Marcelo Sá Corrêa.

Publicou dois livros: *Conversa com a Memória – A história de meio século de jornalismo político* (Editora Objetiva) e *Casos da Fazenda do Retiro* (Editora Objetiva), um livro de reminiscências da infância e mocidade, com “orelhas” escritas por seu pai, o jurista Merolino Corrêa.



Casos da Fazenda do Retiro foi editado pela Objetiva, do Rio de Janeiro, em 2001. À guisa de prefácio, encontramos uma breve carta de Otto Lara Resende para o autor, enviada em 4 de janeiro de 1984. Eis um trecho: “Foi um belo presente de Natal, que me deu inesquecíveis momentos de prazer, de verdadeira delícia. Pois o seu livro é delicioso. Os casos são todos excelentes. Li e reli. E voltarei a ler. E já contei alguns, quase com o mesmo sucesso que você tão justamente alcançou com os seus netos. Tudo é de primeira qualidade. Quanta gente boa! Que maravilhosa infância, que saudosa fazenda! Curti até a fotografia, que longamente namorei. *Casos da Fazenda do Retiro* vai ficar entre os clássicos do memorialismo infantil, a partir de *Minha Vida de Menina*, da Helena Morley. Você não tem nada que ficar desconfiado. Tem é de ficar orgulhoso

e feliz. Pois você deu uma alegria para sempre a muita gente. Entre os seus leitores fiéis e admiradores inabaláveis, conte este seu velho companheiro. Você guardou um tesouro no coração e dele nos faz sócios permanentes. Obrigado.”

Tinha razão o mestre Otto. As crônicas memorialísticas, em forma de casos, revestem-se da melhor qualidade literária. São narrativas em linguagem coloquial e caseira, cheias de humor e de saudade de um tempo pretérito e abolido, o tempo da infância e primeira mocidade de Luiz Antônio Villas-Boas Corrêa de férias na fazenda do avô materno, coronel Arthur Cruz, no município mineiro de Cataguases, terra dos poetas modernistas chamados Ases de Cataguases e do poeta e ficcionista Ronaldo Cagiano. A fazenda e suas guloseimas salgadas e doces, pastos, matas, aguadas, rios, cachoeiras, currais, cavalos, bois, novilhas, alguns animais xucros e bravos, domados por grandes e valentes empregados, como Antônio Martins. As caçadas de pacas, com cães paqueiros de grande valentia ajudando os caçadores. Aventuras nos cafundós da Serra da Onça. Alcides comendo carne de jararaca, até passar mal e quase morrer (“o corpo *empolado* em calombos, vômitos, intestinos em guerra”). Era no tempo da “luz frouxa de lamparinas de querosene”, tempo dos namoricos, das viagens de trem de ferro da Leopoldina, do Rio a Cataguases. Era no tempo das cantigas roceiras, no tempo dos eixos chiantes das grandes rodas dos ronceiros carros de boi...

Como está na contracapa do livro: “São 21 relatos curiosos, divertidos, autênticos e emocionantes sobre a época áurea da fazenda do Retiro.”

As dobras do volume, suas “orelhas”, foram escritas pelo pai do autor, o conhecido jurista desembargador Merolino Corrêa, genro do coronel Arthur Cruz. Escreve o Dr. Merolino: “Meu filho, o jornalista político Villas-Boas Corrêa, nome assaz conhecido na imprensa brasileira, quer associar-me (aliás, já o fez, pois fui envolvido no contexto de suas singelas recordações), como testemunha dos fatos e peripécias de sua infância, parcialmente vividas, em períodos de férias, na fazenda do Retiro, que se constituía de muitos alqueires e ficava situada nos altos paradisíacos da Serra da Onça, no município de Cataguases, Zona da Mata.”

Mais adiante, o Dr. Merolino Corrêa acrescenta:

“Em *Alma do Tempo*, Afonso Arinos deixou claro que escrever livro não é ato de vaidade. É obrigação de solidariedade. Villas-Boas Corrêa vaidoso não é. Se não há engano, escrevendo o modesto livro sobre o Retiro, retratou-se fielmente como sentimental, para quem a saudade é a memória do coração. Bastará ler o que ele, estreando na literatura, expôs: a pureza do seu próprio sentir, do seu amor à simplicidade e à família Costa Cruz, onde seu pai, viúvo, encontrou a dedicada companheira de sua velhice, Carlota.”

Na porteira de entrada de seu saboroso livro, Villas-Boas Corrêa escreve:

“Meus netos Joana e Rafael, pela altura dos cinco anos, começaram a exigir do avô, nas noites frias de Nova Friburgo ou nos calorões do Rio, histórias para chamar o sono. Tentei as alternativas da leitura de livros e apelei para a invenção de enredos. Mas as histórias lidas não tinham vida e às inventadas faltava o molho da verdade. Até que descobri que lá no fundo da memória, em prateleiras cobertas pela poeira do esquecimento, jaziam em desuso muitos casos do Retiro. Desencavei os meus fantasmas de infância e da juventude, ressuscitei meus mitos, boli nas minhas saudades. Pelo jeito, deu certo. Pois a Joana e o Rafael já não me pedem mais que simplesmente conte histórias de fechar pálpebras. Mas reclamam com exata precisão:

– Vô, conta um caso do Retiro.”

E vovô contava, recordando o passado feliz.

Muito tempo depois dessa contação de casos para seus netos, Villas-Boas Corrêa continua encantando seus ouvintes/leitores. Nesse livro primoroso – que merece reedição neste ano do centenário de nascimento do autor –, cada caso é melhor que o outro. É uma pena quando chegamos ao fim dessas deliciosas narrações, na página 155. Como Otto, agradecemos ao autor pelo tesouro que nos legou. Villas-Boas Corrêa hoje habita os campos elísios de Deus, muito além da paradisíaca Serra da Onça e da onírica Fazenda do Retiro.

*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Trabalho a favor do Brasil.

Ruy Castro toma posse na ABL

O escritor e jornalista Ruy Castro tomou posse na Academia Brasileira de Letras, em concorrida cerimônia no Petit Trianon, na sede da instituição, no Centro do Rio. O evento, exclusivo para convidados, foi transmitido ao vivo pelo site da ABL e pelo canal de *Youtube* da instituição.

Ruy Castro passou a ocupar a cadeira 13, sucedendo ao acadêmico Sergio Paulo Rouanet, falecido no dia 3 de julho de 2022, aos 88 anos. Os ocupantes anteriores foram Francisco de Assis Barbosa, Augusto Meyer, Hélio Lobo, Sousa Bandeira, Martins Júnior, Francisco de Castro e Visconde de Taunay, o fundador. O patrono é Francisco Otaviano.

O novo imortal foi recebido pelo acadêmico Antonio Carlos Secchin. Em seu discurso de posse, o jornalista ressaltou que, assim como ele, muitos colegas da Casa de Machado abraçaram o jornalismo, desde o início: “É um privilégio estar sendo aceito nessa instituição cuja matéria-prima é a palavra. Minha entrada nessa casa segue uma tradição de 125 anos. A ABL sempre foi a casa do operário da palavra.”

Eleito para a ABL no dia 6 de outubro de 2022, Ruy Castro é escritor, jornalista e biógrafo. Nascido em Caratinga, no interior de Minas Gerais, mudou-se ainda nos primeiros anos de vida para o Rio de Janeiro. Formou-se em Ciências Sociais, na então Faculdade



Nacional de Filosofia (FNFfi) – atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – porém nunca atuou na área.

Ruy Castro começou a sua trajetória profissional como repórter, em 1967, no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, e passou por todos os grandes veículos da imprensa carioca e paulistana. A partir de 1990, concentrou-se nos livros. É autor de biografias de Nelson Rodrigues, Carmen Miranda e Garrincha e de livros de reconstituição histórica sobre o samba-canção, a Bossa Nova, Ipanema e o Flamengo.

Parte de sua produção jornalística foi reunida em livros como *Um Filme é para Tempestade de Ritmos* e *O Leitor Apaixonado*. Escreveu também um ensaio sobre o Rio, *Carnaval no Fogo: Crônica de uma Cidade Excitante Demais*. Seus livros têm edições nos Estados Unidos, Japão, Inglaterra, Alemanha, Portugal, Espanha, Itália, Polônia, Rússia, e Turquia.

Vencedor do Prêmio Esso de Literatura, do Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira e de quatro Jabutis. Em 2022, ganhou o Prêmio Machado de

Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.

Ruy Castro finalizou o discurso, saudando a cultura brasileira: “Como escritor, tenho falado de muitos homens e mulheres brasileiros do século XX, todos mestres em seus ofícios. Mestres de uma cultura ainda não de toda estudada, porque praticada em veículos populares, livros baratos, peças escandalosas de teatro, programas de rádio cheios de ruídos, filmes que se perderam, discos fáceis de quebrar”, afirmou o escritor, encerrando a fala com citações e alguns desses nomes: “Entram comigo, nessa Casa, Nelson Rodrigues, Garrincha, Carmen Miranda, João Gilberto, Tom Jobim, Dolores Duran, Lúcio Alves, Gilka Machado, Orestes Barbosa, Vinicius de Moraes, Pixinguinha, Ary Barroso, entre outros. E todo o Rio de Janeiro.”

Particularidades da nossa língua

Por José Augusto Carvalho*

Há muitas curiosidades a respeito do português nas várias regiões em que é falado. Uma boa ideia dessas curiosidades está na coletânea *Estudos Linguísticos Crioulos* – reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, com introdução e notas de Jorge Morais-Barbosa (Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967).

Só para exemplificar: na página 62 dessa antologia, que corresponde às páginas 167 e 168 do Boletim Os dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América, de autoria de Adolpho Coelho, nela integralmente reproduzido, há a informação de que, no português de Macau, o plural se forma pela repetição: criançacriança (“crianças”), siumsium (“senhores”), amigo a migo (“amigos”). Os tempos verbais se formam com um advérbio seguido do infinitivo: o futuro, com logo; o passado, com já: logo ficá (“ficará”), já principiá (“principiou”). O presente se exprime com o infinitivo ou com tá (“estar”), em todas as pessoas: tá fazê (“eu faço, tu fazes, ele faz”), tá andá (“ando”), tá falá (“falo”), entre outras curiosidades deliciosas.

Paul Teyssier, no livro *História da Língua Portuguesa* (tradução de Celso Cunha. 4ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1990, p. 96) cita uma construção passiva curiosíssima, típica e popular da gente humilde de Luanda, Angola, extraída de um estudo de Michel Laban (*L'oeuvre littéraire de Luandino Vieira*, tese de doutorado, Paris: Sorbonne, 1959, datilografada): O João, lhe bateram na mãe dele. João é o paciente; mãe é o agente. No português lisboeta ou

carioca, essa frase se traduz mais ou menos assim: João foi surrado pela mãe. Mudei bater para surrar porque o verbo bater com complemento introduzido pela preposição em (transitivo indireto) não poderia ter equivalente passivo adequado.

No meu livro *Estudos sobre o Pronome* (Brasília: Thesaurus, 2016, p. 36-37), cito o poema *Mudança de tratamento*, de Bastos Tigre, em que o poeta dialoga com a mulher amada primeiro usando Vossa Excelência, depois a senhora, depois você e, finalmente, tu, do mais formal para o menos formal, dando a impressão de que, no dialeto carioca, o pronome tu, à época da publicação do livro de onde foi extraído o poema (*Poesias humorísticas*. Rio de Janeiro: Flores & Manos, 1933), era mais familiar e mais íntimo do que o pronome você. Se essa diferença entre tu e você realmente existiu, fica difícil determinar por que e quando essa diferença deixou de existir.

Curiosa também é a concordância que teria existido no português seiscentista do participio com o objeto direto, existente no francês atual, como, por exemplo, na frase: *J'aidéchirélalette que j'aiécrite* (“Rasguei a carta que escrevi”, em que se observa a concordância do participio écrite com o feminino *lette*, anteriormente citado; o participio *déchiré* não concorda com o objeto, porque este vem depois do verbo).

Assim, em *Os Lusíadas*, V. 47 lê-se: “Depois de ter pisada longamente / Cos delicados pés a areia ardente.” O participio *pisada* está concordando em gênero e número com o objeto direto *areia ardente*. Se essa concordância realmente existiu, certamente não terá sido influência do francês, porque, ao contrário do exemplo francês citado, o participio em *Os Lusíadas* concorda com o objeto que vem depois.

Não sei o quanto já sabemos sobre a nossa língua, mas sei que há muito ainda a aprender sobre ela...

*José Augusto Carvalho é mestre em Linguística pela Unicamp e doutor em Letras pela USP.

Academia de Ciências de Lisboa

Por José Carlos Gentili*

Cá estamos na terra de Camões, novamente, a participar das atividades da quase tricentenária Academia das Ciências de Lisboa, ora presidida pelo dinâmico presidente José Luís Cardoso, a suceder as notáveis figuras presidenciais de Adriano Moreira, Luís António Aires – Barros, Artur Anselmo, Carlos Salema e dentre todos o mais longevo – Júlio Diniz –, que a dirigiu por vinte e sete anos.

Portugal tem história e tradição!

A antiga Academia Real das Ciências de Lisboa foi fundada em 24 de dezembro de 1779 pelo Duque de Lafões e em sua estrutura estiveram personalidades de grandeza gigantesca do porte dos freis José Jesus de Maria Mayne e Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Este último clérigo professor no Convento da Ordem Terceira de São Francisco e exerceu a presidência da Real Mesa Censória, indicado pelo Marquês de Pombal.

Assim, os próceres mandamentais vão a suceder-se no tempo e no espaço a proporcionar, cada qual ao seu talante, a fixação da memória histórica, que sedimenta a historicidade das entidades.

A propósito, na Antiguidade grega, Heródoto – o Pai da História –, já ensinava que as ações, os feitos, devem ser escritos, para que não se perca a glória existencial.

A historicidade constrói estradas infinitas no universo das civilizações.

Os nossos avozinhos lusitanos, avoengos, trazem no tálamo de suas almas a visão futurística da importância da lusofonia, sempre criativa e inovadora.

As bibliotecas reais e os seminários religiosos sempre foram os cadinhos onde eram amalgamados, consolidados e estratificados os



Professor doutor Luís Cardoso – presidente da Academia das Ciências de Lisboa e José Carlos Gentili (Academia de Letras de Brasília).

conhecimentos da época.

Cultura e literatura são sedimentos da gnose, que move o mundo.

Relembre-se que o Príncipe Regente e sua genitora – Dona Maria I, quando vieram para o Brasil, fustigados por Napoleão Bonaparte, trouxeram para a Colônia a joia da Coroa; isto é, a Biblioteca Real, que veio a tornar-se a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Nós devemos eternamente o trazimento da Biblioteca Real para a Terra de Pindorama, pois deu-se um pulo no tempo.

Assim, também, o deslocamento da Capital da nação do Rio de Janeiro para Brasília, permitiu a interiorização do país, fixando a hinterlândia brasileira em moldes que relembra o Tratado de Tordesilhas e suas consequências fixadoras de limites.

No ano findo – 2022 –, a Academia de Letras de Brasília, fundada em 28 de março de 1982 por incansáveis escritores, completou 40 anos de existência e de incomum atividade literária. Atualmente, a mais importante Casa de Cultura de Brasília, vincula-se, internacionalmente com os países de Língua Portuguesa, especialmente a Academia das Ciências de Lisboa, com quem celebrou tratado científico entre as duas organizações e mantém laços indissolúveis de fraternidade e cooperação literária.

Adriano Moreira, recentemente falecido aos 100 anos de vida, ex-presidente da Academia das Ciências de Lisboa e fundador da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, foi um dos mais importantes próceres do relacionamento cultural e literário entre Brasil e Portugal e, especialmente, com a jovem Capital Federal brasileira merecedora do aconchego cívico.

Obrigado Portugal – *célula mater* – do mundo lusófono!

*José Carlos Gentili é partícipe da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia de Letras de Brasília, da Academia Brasileira de Filologia e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Toda teoria tem um Lado PRÁTICO. ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545

Cadastre-se através do site www.ciee.org.br

PROTAGONISMO INDÍGENA



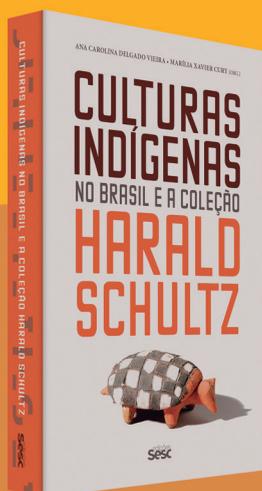
POVOS INDÍGENAS ENTRE OLHARES

André Roberto de A. Machado e Valéria Macedo (org.)

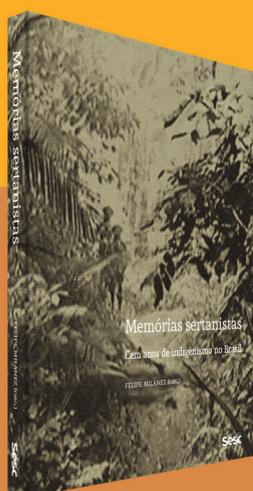
Edições Sesc | Editora Unifesp

Buscando pensar os povos indígenas desde o período colonial até sua atuação no mundo contemporâneo, artigos oferecem um amplo panorama sobre a situação em que eles atualmente se encontram no Brasil.

CONHEÇA TAMBÉM



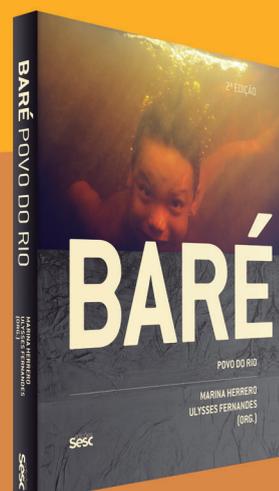
CULTURAS INDÍGENAS NO BRASIL E A COLEÇÃO HARALD SCHULTZ
Ana Carolina Delgado Vieira e Marília Xavier Cury (org.)



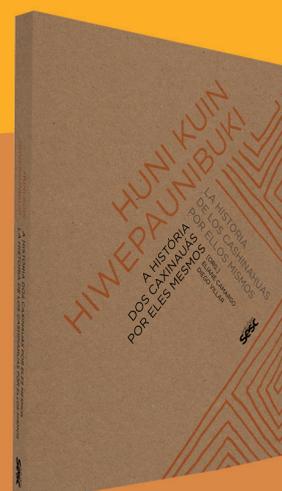
MEMÓRIAS SERTANISTAS
Cem anos de indigenismo no Brasil
Felipe Milanez (org.)



ARAWETÉ
Um povo tupi da Amazônia
Eduardo Viveiros de Castro, Camila de Caux e Guilherme Orlandini Heurich



BARÉ:
POVO DO RIO
Marina Herrero e Ulysses Fernandes



A HISTÓRIA DOS CAXINAUÁS POR ELLES MESMOS
Eliane Camargo e Diego Villar (org.)